JORNAL DE 2ª FEIRA

JUNDIAÍ, 19 A 25 DE SETEMBRO DE 1977 — ANO III — N.o 117 — Cr$ 3,00



BANG-BANG À PASSARIN: A GUERRA DOS RESTAURANTES.

Pág. 7

Afinal, vamos ter muita uva ou não?

Pág. 14

Paulista: técnico novo, vida nova?

Pág. 15



PASSARELAS: A MORTE VAI DEIXAR A ANHANGUERA?

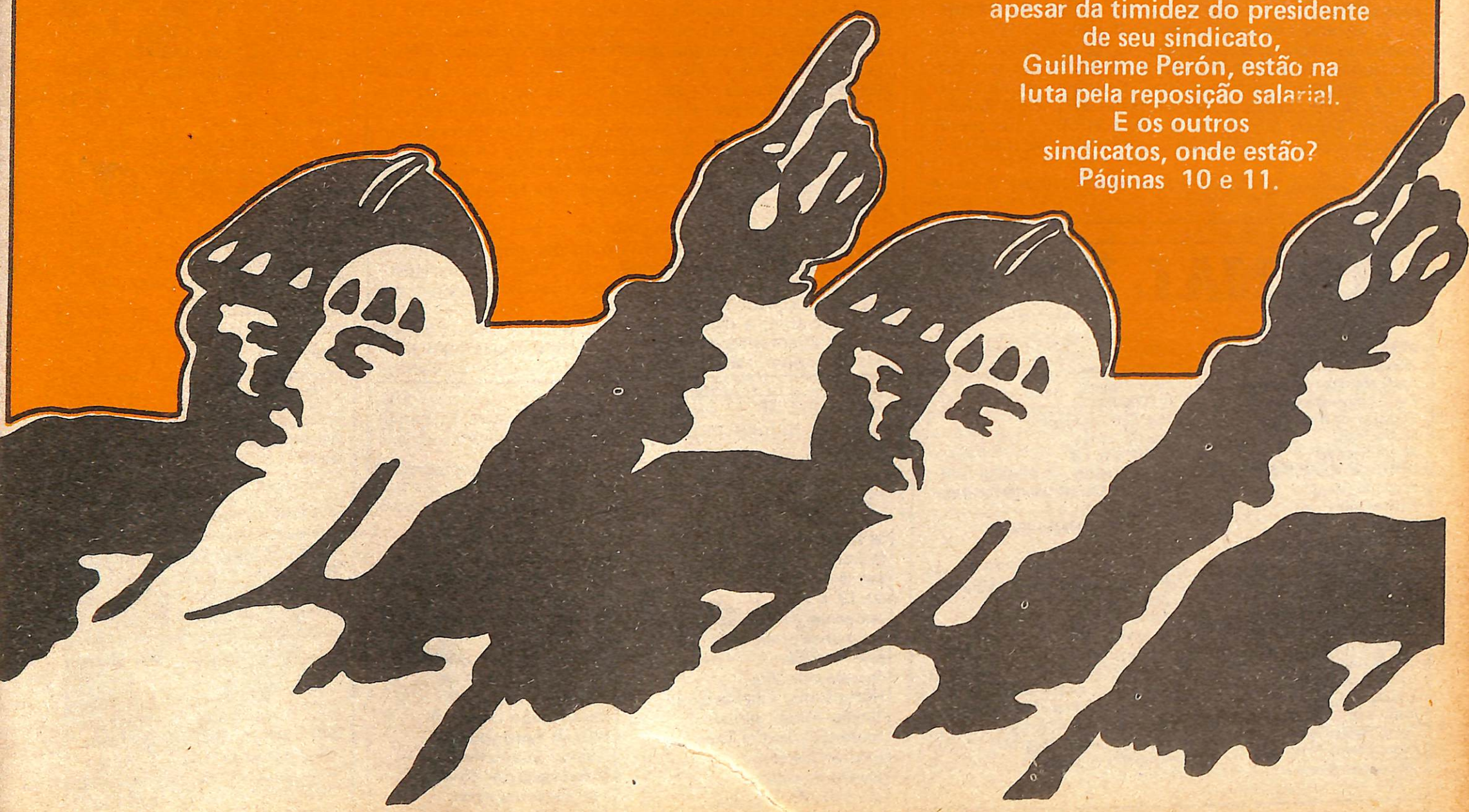
Pág. 9

OS OPERÁRIOS EM BUSCA DO DINHEIRO PERDIDO

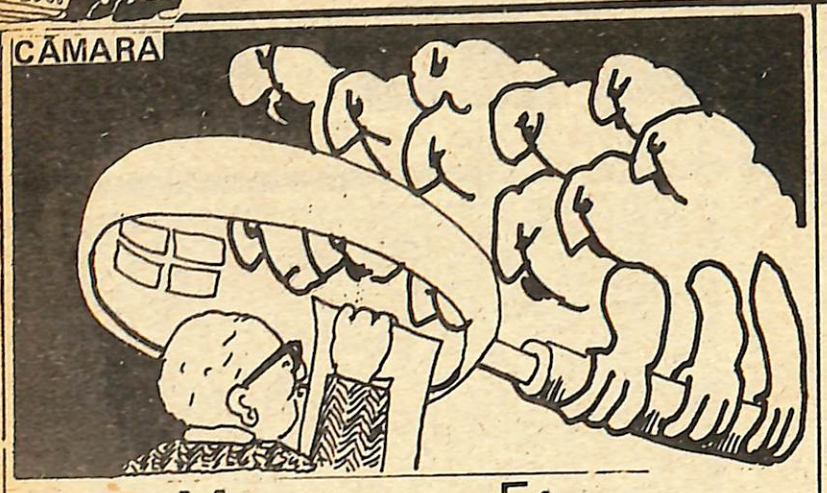
PAH MABS

Os metalúrgicos de Jundiaí, apesar da timidez do presidente de seu sindicato, Guilherme Perón, estão na luta pela reposição salarial. E os outros sindicatos, onde estão?

Páginas 10 e 11.



CÂMARA



Má noite para Fávaro

Dentro da estreitíssima faixa deixada pelo Movimento de março de 1964 para a ação do poder Legislativo, a Câmara de Vereadores conseguiu, na última sessão do dia 14, tomar algumas decisões que poderão dar algum significado mais prático ao seu trabalho em favor da comunidade e que vão além da enxurrada de Indicações para que o Executivo tampe buracos ou acenda lâmpadas nas ruas esburacadas e escuras da cidade.

Aprovando por unanimidade o projeto-de-lei do líder do MDB, Tarcísio Germano de Lemos, os vereadores poderão, a partir de agora, fiscalizar com alguma efetividade todos os convênios e contratos firmados pela prefeitura, seja com entidades de direito privado, seja com organismos de direito público.

O projeto cria uma Comissão de Fiscalização de convênios e contratos, dando forma legal a um dispositivo da Lei Orgânica dos Municípios (art. 24, inciso 12) que obriga o Executivo a submeter aos vereadores todo e qualquer convênio que pretenda estabelecer, sob pena de que esse acordo não tenha validade, "não valha nada", conforme definiu o líder do MDB na discussão do seu projeto.

Embora a nova lei não tenha efeito retroativo, "a partir de agora não se repetirão casos como os dos convênios do Hospital São Vicente com o INPS, ou o da Faculdade de Medicina com a Secretaria da Saúde do Estado", afirmou Tarcísio, concluindo que esses acordos, feitos sem a menor atenção ao Legislativo, "demonstram a clara intenção do prefeito em esvasiar o poder da Câmara".

Aliás, o que se falou mal da administração Fávaro deve ter ocupado metade das páginas anotadas pela datilografia da Casa.

O vice-líder do MDB, Pedro Osvaldo Beagin, denunciou o fato do superintendente do DAE, engenheiro Pedro Baldris, estar instalando rede de esgotos apenas em ruas onde possui propriedades, como "na Voluntários da Pátria, onde ele tem cerca de 10 casas, e na Vila Mafalda, onde possui umas seis".

Até mesmo na famigerada hora do "lanchinho", as críticas a Fávaro e seu "estilo de governo" prosseguiram. Partindo de vereadores do próprio partido do prefeito, a Arena, comentou-se o caso do administrador do velório municipal, que tem usado o dinheiro arrecadado por aquele serviço para "negociar automóveis, particularmente". E somente prestar contas no fim do mês, depois de movimentar em seu nome o dinheiro público. Atitude tomada por Fávaro para coibir esse abuso? Recomendou ao administrador que "não fizesse mais isso" Viu?

Em resumo, a Câmara voltou a fazer críticas. E isso é bom. (Erazê).

JORNAL DE 2ª

DIRETORES
Ademir Fernandes
Erazê Martinho
Esdra Guimarães do Carmo
Francisco de Assis Oliva
Sandro Vaia
Sérgio Rondino
DIRETOR RESPONSÁVEL
Sérgio Rondino
REDAÇÃO
Ademir Fernandes
Carlos Kazuo Inoue
Erazê Martinho
Lêda Maria de Carvalho Cassins
Sandro Vaia
Sérgio Henrique de Souza
COLABORADORES
Antonio Araújo Vieira
Carlos Veiga
Inácio Araújo (Paris)
J. Germano
Mário Lúcio Marinho
Pedro Autran Ribeiro
Pedro França Pinto
Percival de Souza

ARTE
Alberto Inoue
Décio Denardi
FOTOGRAFIA
José Luiz Calcenoni
Renato Bezzan
COMPOSIÇÃO
Maria de Fátima F. Trimboli
DEPARTAMENTO COMERCIAL
Representante:
Ivone Marchi Magalhães

O Jornal de 2a. Feira é uma publicação da Editora Japi Ltda. Redação, Publicidade e Administração: rua Senador Fonseca, 1.044 Jundiaí – SP CEP. 13.200 – Telefone: 434 - 8648 Composto e empresso nas oficinas da Editora Japi Ltda. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal.

ARTIGO

As regras do jogo

Está presente ainda em nossas mentes a "Carta aos Brasileiros" elaborada por eminentes juristas sob a coordenação do prof. Gofredo da Silva Telles. Presente e muito vivo não pelo que tem de novo, mas justamente pelo que tem de muito velho. Sua mensagem, exposta num linguajar jurídico impecável, didático mesmo, reflete conquistas de quase duzentos anos da cultura ocidental. Não são novidades, portanto. Ao contrário, o Estado de Direito, operacionalizando sob a forma democrática de govêrno (sem adjetivos), já não devia nos dias em que vivemos, ser reivindicação, mas sim dado como definitivo, ponto de partida para a resolução de problemas econômicos e sociais concretos, êstes sim discutíveis.

Aquela idéia de que o desenvolvimento econômico precede o social, e êste, por sua vez, o político, já não convence ninguém. Tocqueville já dizia que "a arte de associar-se" deve crescer na mesma proporção do crescimento socio-econômico. Schmitter vai mais longe e vê uma relação causal entre eles. Sua tese é de que, se entendermos por desenvolvimento político o desenvolvimento de associações de representação de interesses políticos, capazes de proporcionar a participação aos mais diversos setores sociais, teremos que só um sistema político de representação e participação amplas é capaz de gerar as mudanças sócio-econômicas desejadas e absorver os conflitos que necessariamente acarretam.

É a tal história: uma determinada política econômica foi aprovada por um Congresso composto de representantes legítimos da população. Antes disso, foi amplamente discutida no seio dos partidos políticos, nas associações de classe e outras afetas ao problema. Uma vez aprovada contará em sua efetivação com a colaboração da maioria e terá amplas chances de sucesso. Mesmo os prejudicados pela medida não se sentirão à vontade para tentarem o boicote. Primeiro, porque não encontrarão muitos aliados e, segundo, porque sempre poderão propor outras alternativas pelos canais competentes. Em resumo, o conteúdo do jogo varia de acordo com os interesses e habilidades dos jogadores. As regras são mais permanentes porque permitem a todos fazer o seu jogo.

Por isso a "Carta aos Brasileiros", que não propõe nada além do que já foi consagrado por nossa cultura, causou tanta celeuma. Nossas regras não são permanentes. Mudam quase tanto quando (et pour cause) o conteúdo do jogo. É mais ou menos assim: toda vez que a oposição está para fazer uma canastra (sete cartas do mesmo naipe) o govêrno chega e diz que agora para fazer canastra é preciso oito cartas (amanhã serão nove, depois dez. . .).

Acontece que esta brincadeira um dia acaba cansando. Desiste-se de um jogo em que se sabe que não se tem a mais remota chance de ganhar. O govêrno se vê então sem contendores, isolado. Vai aos poucos perdendo até o aplauso dos setores da população que antes representava, pois as regras mudaram tantas vezes, e às pressas, que não deu tempo de consultar as bases. Além disso, os canais de representação ficaram precários. A Arena, no caso, acomodada com o sucesso fácil do jogo garantido, perde a habilidade política. Não utiliza seus quadros e recruta mal. Já que não é preciso saber jogar, porque se preocupar com bons jogadores? Acaba se dividindo entre os que aplaudem e os que aplaudem de pé (alguns destes são tão animados que, às vezes, acabam atrapalhando). Os poucos que se permitem lembrar que o jogo para ter crédito é preciso ser leal, acabam sem querer empunhando uma bandeira que é da oposição.

Sentindo o "impasse", o governo, através de seus arautos Portela e Francelino, acena com o diálogo objetivando reformas políticas. Só que as reformas virão "com ou sem o MDB" (Portela) e só depois que a sucessão estiver garantida (é o que se infere das quatro fases do Francelino).

Quer dizer, o diálogo vai se realizar com ou sem interlocutor, e as novas regras só serão discutidas depois que o posto máximo estiver garantido por mais seis anos. (Levi Ferrari)

Levi B. Ferrari é sociólogo, pós-graduado em Ciências Políticas pela PUC-SP, 32 anos. É coordenador da Área de Pesquisa Básica do Instituto de Estudos Sociais Aplicados - IESA, São Paulo.

Raiva

Se você tem um cachorro, trate de vaciná-lo. A partir de dia 19, a campanha de vacinação anti-rábica promovida pela Prefeitura começa pela Vila Hortolândia, Vila Lacerda, Jundiaí-Mirim, Jardim Florestal e Jardim Tarumã, e vai percorrer os bairros da cidade, até o dia 29. É grátis.

Estrada

A partir do dia 19, quem vem de São Paulo pela Anhanguera não pode mais entrar em Campo Limpo pelo trevo de Jordanésia. Tem que vir até Jundiaí (trevo do quartel) e daí entrar para Campo Limpo. A ligação Anhanguera Campo Limpo ficará interditada por 45 dias por causa das obras da Via Norte.

TESE

O salvador

Por achar que o vereador exerce na comunidade o mesmo papel de um padre, e é procurado na maioria das vezes como "o salvador", o vereador Ariovaldo Alves – um dos mais atuantes da nova geração emedebista – enviou ao Instituto de Estudos e Pesquisas Sociais – IEPES – do MDB, uma sugestão para que seja criado um Departamento do Interior.

Argumenta Ariovaldo que "o vereador é o homem que está a conviver com a realidade brasileira intensamente. Toda a contradição do sistema manifesta-se diante do vereador. A miséria, a falta de saneamento básico, o endividamento escandaloso em que as cidades, em número cada vez maior, se encontram, enfim todas as consequências, estão diante dos olhos do vereador, todos os dias. E o que ele fala? O que ele pensa a respeito? Qual a sua atuação diante do quadro? Qual a sua reação diante deste poder que imaginam tenha ele? Ele conhece o programa do partido?".

Depois de dizer que o partido se apresenta "como mau orientador", Ariovaldo diz que existem vereadores espalhados pelas cidades do interior, que estão em condições de levantar problemas fundamentais, que são capazes de fazer análises sérias. Mas onde estão esses vereadores? Como aproveitar tal potencialidade? Além disso, é muito comum que esses vereadores, ao perceberem uma certa falta de amparo, passem a sentir "solidão e impotência, passando a esperar que algum deputado ou senador diga algumas verdades para que o povo fique sabendo".

Como acabar com isso? A solução, para Ariovaldo, é criar um Departamento do Interior para que o partido possa difundir seu ideal programatico, e para que os vereadores sejam incentivados a "entrar em contato com sua base, o povo, a legitimar ainda mais a sua representatividade".

"A partir dessa atuação verdadeiramente contextual – prossegue Ariovaldo – poderá então (o vereador) difundir as bandeiras da luta partidária, como a Constituinte. Poderá, ainda mais, exigir do partido e de seus elementos de cúpula, uma atuação mais dinâmica".

A proposta do vereador jundiaiense foi encaminhada ao partido no dia 7 de setembro, e agora ele está esperando que o IEPES se manifeste sobre ela.

Polícia

O auto-crime

Poderia ser um episódio de humor negro, se não lhe faltasse pelo menos um ingrediente essencial: o humor. Porque de negro não falta nada, na história do assassinato da jovem Cláudia Lessin Rodrigues – morta durante uma orgia com drogas no apartamento de um bem situado representante da jeunesse dorée carioca, o corretor de imóveis Michel Albert Frank.

Durante a semana, enquanto a polícia esperava que o principal acusado – cujo paradeiro é ignorado – se apresentasse para prestar depoimento, o coadjuvante da história – o cabelereiro Georges Michel Kour – apareceu de surpresa. Ele é acusado de cumplicidade na morte da jovem, cujo corpo foi atirado por um penhasco da avenida Niemayer, no Rio, depois de ter sido submetido a violências.

Kour não quis que a imprensa assistisse o seu depoimento, perante o juiz sumariante do I Tribunal do Juri. Mas seu cuidadoso advogado distribuiu inusitadamente um press-release, contendo um resumo do depoimento que Kour ia prestar.

Em resumo ele disse, entre outras coisas, que as marcas de estrangulamento que a perícia encontrou no pescoço de Cláudia foram provocadas por ela mesma. Ou seja: se houve estrangulamento, a culpa não é de ninguém, a não ser da pobre moça. Foi ela quem se estrangulou.

Agora, espera-se que Michel Frank, o principal acusado, se apresente para depor. É bem provável que, a continuar na linha de defesa iniciada pelo cabeleireiro Kour, ele diga à polícia que Cláudia tentou violentá-lo, e ele, em legítima defesa, acabou matando a pobre moça.

Palavras

"O único obstáculo ao poder é a consciência. E quando esta penetra neste poderoso mobilizador de espíritos que é a imprensa, então, os crimes deixam de ficar impunes". (Alberto Dines, Folha de São Paulo).

"Agora chegou o momento de ver quem é quem". (Moisés, jogador do Corintians, antes do jogo contra a Ponte Preta; a Ponte venceu por 1 a 0).

"Os grandes teóricos do Direito do Trabalho não sabem o que é uma fábrica, principalmente num Estado como São Paulo. Peleguismo é o que mais existe no Brasil, hoje". (Luiz Inácio da Silva, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, O Estado de São Paulo, 11/9).

"Quando na noite de domingo último, as dignas Damas Adelaide Molina e Alvarina Martins nos atendiam na Feira da Amizade, entregando-nos churrascos que adquiríamos, estávamos sentido o esforço humano pelos desprotegidos. Eram elas verdadeiros cataventos que tínhamos na nossa frente". (Guilher Enfeldt, seção "Estamos na Praça", Jornal de Jundiaí, 13/9).

"A Nação está no limite de sua paciência". (General Pery Bevilacqua).

Política



Montoro e Ulysses na Convenção

Opor-se? Que ousadia!

Nenhuma surpresa nas palavras: no documento que divulgou ao fim de sua convenção nacional extraordinária, o MDB reafirmou, com termos suficientemente vigorosos, a sua intenção de iniciar, já nesta semana, uma campanha nacional pela convocação de uma Assembléia Constituinte. E a Arena, cumprindo o seu papel, reagiu, através de uma nota emitida pelo seu presidente nacional, Francelino Pereira, dizendo que "a nota do MDB investe contra o regime e a revolução".

Essa reação da Arena foi considerada até por alguns arenistas mais comedidos bastante desproporcional aos termos contidos na nota do MDB – que afinal de contas, repisa as teses que os seus mais proeminentes líderes tem tornado públicas em todos os seus pronunciamentos.

A nota do partido de Oposição, enumera alguns dos motivos que o levaram a iniciar uma campanha pela Constituinte. "Treze anos de governo de exceção deformaram nossas instituições jurídicas – diz a nota. E continua: "A Nação está submetida ao arbítrio. A consequência é o caos institucional; o poder político perdeu em legitimidade e a ordem econômica hipertrofiada degenerou-se na inflação. O endividamento externo compromete nossa soberania: persiste uma das mais cruéis concentrações de renda que o mundo reprova e a ordem social injusta apresenta aspectos de desumana desigualdade, com crescentes e alarmantes índices de pobreza, doença e mortalidade".

Mais adiante diz: "O governo não pode continuar surdo e contra 80 por cento da população que clamam por liberdade e democracia, conforme o testemunho insuspeito de recente pesquisa de opinião pública. O governo, ao mesmo tempo em que se autopromove e se julga certo e infalível, julga errados e condena o MDB, os juristas, a imprensa, a igreja, os estudantes, os trabalhadores, as donas de casa, o empresariado, os esportistas, a sociedade, enfim, que através de manifestações inequívocas, reiteradas e ostensivas, quer substituir a tutela pela participação, o AI-5 pelo império da lei e a oligarquia do voto indireto pela democracia do sufrágio pessoal, universal e secreto".

Como disse o comentarista político Vilas-Boas Correa, de "O Estado de São Paulo", "o texto é forte, direto, firme. Mas basta a releitura mais atenta para verificar que cada avanço petulante é sempre acolchoado com as ressalvas que mantém as portas abertas e ainda escancaram as janelas".

A Arena não entendeu assim, e achou que "a oposição se vale de alguns conceitos incontestáveis, mas os aplica mal" E adverte mais adiante que "o MDB não alcançará seus objetivos com a agressão inútil ou a negação sistemática de todo um acervo construído, ao longo de 13 anos".

Enfim: a Arena concorda que alguns conceitos do MDB são incontestáveis, mas não concorda no fato de que o partido da oposição use da sua mais elementar prerrogativa que é exatamente essa: a de opor-se.

Mistério

Quem é o pai?

A partir do momento em que se criou o consenso nacional em torno da necessidade da volta do País ao Estado de Direito, identificou-se, imediatamente, o maior obstáculo para que isso aconteça: o Ato Institucional n.o 5, que é, entre todos os instrumentos de exceção, o que eleva o arbítrio ao seu ponto mais exacerbado.

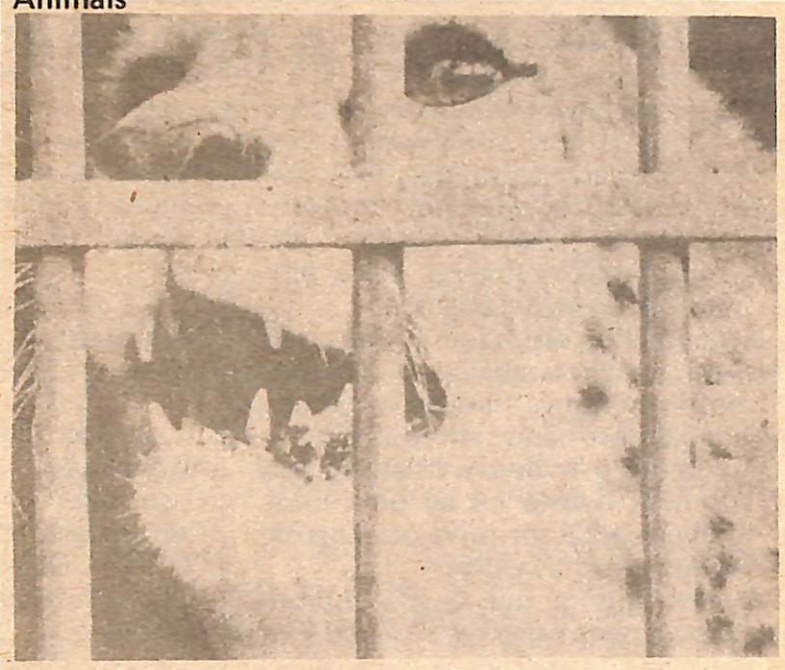
O AI-5 é hoje objeto de um amplo debate nacional, e é em torno dele que se concentram as atenções dos juristas, dos políticos e dos jornalistas – que de uns tempos para cá, com a rédea um pouco mais solta, estão aprendendo a ficar mais à vontade em sua tarefa investigativa.

Esta semana, por exemplo, a imprensa dedicou-se, com alguma desenvoltura, à tarefa de descobrir quem é o pai da criança isto é: quem fez o AI-5? Costa e Silva? Gama e Silva? Pressão dos ministros militares, ou dos chamados setores "duros" do Sistema? O jornalista Carlos Chagas, que foi assessor de imprensa de Costa e Silva, diz não acreditar que a iniciativa tenha partido de ex-presidente. Ele era contra, sempre foi contra – junto com o vice-presidente Pedro Aleixo. E ambos, segundo Chagas, foram votos vencidos. Luis Galotti, ministro do Supremo, diz que a idéia foi de Gama e Silva, o então ministro da Justiça, um jurista que nunca foi conhecido por seus pendores liberais. Dona Iolanda, a viúva do ex-presidente, saiu de seu silêncio de alguns anos para dizer que foi ele mesmo, Costa e Silva, que esboçou o texto do AI-5 dentro de um avião.

A esta altura, saber quem foi o autor do AI-5 talvez sirva mais aos historiadores, a quem cabe a tarefa de fixar as responsabilidades dos governantes por seus atos; perante a História, do que a nós, os simples governados.

Identificado ou não seu autor, o que importa agora à Nação é saber quem passará à História como o seu revogador. E esperar que ele o faça com a urgência reclamada pela consciência nacional.

Animais



O guepardo vacilante

Dá-lhe, guepardo!

No primeiro dia, nada. Nem os 10 mil metros quadrados tão afrodisíacos pareciam estimular os guepardos ao exercício da função procriadora, aguardada tão ansiosamente pela população de São Paulo.

O guepardo é um mamífero muito parecido com o leopardo, só que um pouco mais elegante, mais esguio. Come pouco, mas só do bom e do melhor. Há alguns anos que quatro exemplares da tão nobre estirpe felina vivem em cativeiro no Zoo deSão Paulo, mas até agora nenhum dos três machos ousou aproximar-se sexualmente do exemplar feminino. E como se sabe, até mesmo entre os animais essa aproximação é necessária para a perpetuação da espécie.

Preocupados com a inapetência dos bichos, a direção do Zoo de São Paulo resolveu entregá-los aos cuidados do Simba Safari.Lá, num terreno de 10 mil metros quadrados, eles encontram condições muito parecidas com o seu habitat.

Discretamente, de dentro de seus jipes, os rangers do Simba Safari estão vigiando os movimentos dos guepardos. No primeiro dia, não houve, digamos assim, intimidades. Espera-se porém que a qualquer momento, um guepardo ouse.



EMPRÊSA DE TRANSPORTES
Irmãos Vieira Ltda.
MUDANÇAS LOCAIS E INTERESTADUAIS
Filial – JUNDIAI
Rua Senador Fonseca, 1150 – Fone. 434.7507
CAMPINAS Matriz
SÃO PAULO Filial
Fones: 31.3403 e 31.4303 - Fones: 227.0419 e 227.0453

Entre funcionalidade e bom-gosto, fique com os dois.
Móveis para escritório M.Longo.
MONGO
IND. E COM. DE MÓVEIS
Loja e Exposição: Rua Vigário J.J. Rodrigues, 220
Fones: 434.4920 - 434.5940

DELINQUENTES EM POTENCIAL

Oito horas da noite, em pleno centro da rua Barão de Jundiaí, um grupo de menores variando entre nove e doze anos, diverte-se postando momentaneamente à frente dos automóveis em trânsito, para colocar por baixo dos veículos, grandes caixas de papelão que as casas comerciais deixam no meio-fio para os lixeiros. E os carros param a fim de que eles não sejam atropelados. Sabem e se deliciam com isso.

Força é repetir, oito horas da noite em pleno coração da cidade.

O problema do menor abandonado ou simplesmente vadio, como se sabe, não é um fenômeno privativo de Jundiaí. Ao contrário, é uma ocorrência que busca solução em todas as comunas, quer sejam grandes ou pequenas.

O que nos induziu a estas linhas, entretanto, não é a narrativa corriqueira de peraltice de meninos endiabrados. O que realmente nos causou estranheza foi o fato de não termos encontrado por todo o longo da rua um único policial ou guarda de trânsito.

A viatura da ronda noturna, em verdade não ronda coisa alguma. Fica parada debaixo de uma árvore na Praça da Matriz e só se locomove se chamada a intervir numa anormalidade eventual.

Não vamos aqui questionar bizantinamente se essa postura se faz em obediência a planos pré-estabelecidos de vigilância tática nem se a referida viatura deve percorrer as ruas buscando os incidentes ou esperando que estes venham ao seu conhecimento para a competente interferência. Não é arremedo de Mahomé e a montanha.

O que nos dá margem a estes comentários é a total falta de um policiamento especializado para pôr cobro a esse grupo de menores dentre os quais não seria de estranhar, mas de lamentar, se alguns, ao adolescer, não venham a se tornar nocivos à sociedade.

O exemplo temo-lo na capital onde a polícia já se declara incapaz de defender a cidade contra a onda de crimes que vem sendo perpetrados por meliantes de pouca idade. **Elcio Vargas**

CRÔNICA VADIA

VIVA A PRIMAVERA

Não sei se vocês comungam com o meu modo de pensar. . . e apreciar. Desconheço, todavia, coisa que mais me festeje os olhos de que um "tomare-que-caia". Um "tomare-que-caia" escorregando maliciosamente pelos ombros esculturais das debutantes.

A gente fica assim como que meio extasiado e meio abobalhado embevecido no desejo de ver um desfecho que caprichosamente não acontece. Não cai.

Ainda que o verberem os anacoretas impenitentes, o colo nú de uma loira, que também pode ser ruiva ou morena, cozinha até olhos de vidro.

Quanto a mim, que já vou dobrando o cabo da boa esperança, quando indiscretamente bruxoleio as pupílas numa dessas provocantes beldades e alguém me pergunta "o que é", respondo como Catulo: é um coração de home véio, que quanto mais véio fica, mais aprecia a muié. . .

Nem uma rosa entreaberta, as asas de um colibrí ou o maravilhoso rosicler da aurora tem o encanto e o deslumbramento de um "tomare-que-caia". Doce tormento. Delicioso suplício de Tântalo. E "honni solt qui mal y pense". É o belo que encanta e devaneia.

Voltando à premissa, não sei se vocês estão de acordo comigo. Nem me interessa sabê-lo.

Faço idéia, porém, que em estando alguém vis-a-vis com um "tomare-que-caia", sem perder o rebolado, esse alguém, embora vivo, já tem perdida a alma. Quer envolto pela luz candente dos candelabros sociais, ou sob um sol primaveril, o "tomare-que-caia" é o fino da beleza, da elegância e da tentação. Sobretudo da tentação. O requinte, o sex-appeal".

Dir-se-á, num fórceps de imaginação, que a primavera se completa com um "tomare-que-caia".

Se há por aí quem discorde, que o diga em voz alta. V/2.

CIDADE DE JUNDIAÍ
Cr$ 3,00 *Verdadeiramente, um órgão.* Regional

ROTARY: ISTO SIM QUE É SERVIR



Os clubes de serviço Rotary-Norte, Rotary-Nordeste, Rotary-Leste, Rotary-Suleste, Rotary-Sul, Rotary-Sudoeste, Rotary-Oeste e Rotary Noroeste realizaram oito magníficos jantares, cada um em um dos pontos cardeais da cidade. Veja na página de "Sociais" fotos de todos os rotarianos e respectivas esposas. E na edição de amanhã, não perca completa reportagem sobre quem não coube na página.



UMA VEZ LION'S, SEMPRE LION'S

Leões e domadoras das zonas Norte, Sul, Leste, Oeste e demais ponto da Rosa dos Ventos estiveram confraternizando, ontem, numa festa de raro esplendor. Nas páginas 15, 16, 17 e 18, as fotos de todos os confraternizadores. Felizmente, coube tudo nesta edição.

IDI AMIN É UMA BESTA

Confirmado notícias publicadas na edição de ontem, somos obrigados a concluir que Idi Amin é realmente uma besta.

$$$$$$$$$$$$$$$$

ANUNCIE EM
"CIDADE DE JUNDIAI"
E CONTE CONOSCO.

$$$$$$$$$$$$$$$$

COMEU A CABEÇA DA AVÓ MATERNA.



Absalão (Urgente). **A neta mais nova de Agdamunita Batsaba, uma sexagenária pertencente a tradicional família de Absalão, matou, degolou e em seguida deglutiu a cabeça da avó, durante uma crise nervosa. Detida logo depois da refeição, a criminosa declarou que tinha planos para comer os braços da velha, mas sentiu-se satisfeita com a ingestão da cabeça.**

Radiografia feita na desalmada jovem provou que a cabeça comida pertencia realmente à sua avó materna, desmentindo rumores de que se tratava da avó paterna, por quem a assassina declarou "ter grande adoração".

EDITORIAL

ABAIXO AS DITADURAS

Na época em que Dhautpoul descobriu a pedra de Roseta, a 75 km de onde Bouchard dirigiu os trabalhos de reconstrução do arruinado Fort de Rachid, um oficial de Napoleão, helenista apaixonado, iniciou imediatamente a tradução da pedra. Como se sabe, a pedra de Roseta era do tamanho de um tampo de mesa, de basalto negro, com granulações finas.

Felizmente esses tempos, em que ditadores mandavam e desmandavam no povo, já estão bem distantes. E isso é o que importa, na verdade.

CAVALO ATROPELA ANCIÃ, ENQUANTO PROSTITUTAS FAZEM TROTTOIR NA ESQUINA ONDE, ONTEM À TARDE, UMA KOMBI CHOCOU-SE CONTRA UM CHEVETTE DIRIGIDO POR UM MENOR MACONHEIRO. (Detalhes nas páginas 21, 22)

Erazê Martinho

Hertane de Campos
ÓTICA MODERNA



Se a lente dos seus óculos quebrou, não se preocupe. A ÓTICA MODERNA, com suas máquinas importadas fabrica qualquer lente em 30 minutos.

Fones: 434 - 7363 — 434 - 4351
Rua Barão de Jundiaí, 1012
O LABORATÓRIO MAIS COMPLETO DA CIDADE

XEROX
Também e com o
Foto Zézinho
R. do Rosário, 523
Fone. 434 8942

ASSINE O
JORNAL DE 2a.

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLÁSTICAS, ARMÁRIOS DE PENDURAR

E ARMÁRIO DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM

DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO

ASTRA
Rua Colégio Florence, 59 — Tel. 434 - 6398
434 - 6598 e 434 - 6798



Tarcísio: "onde já se viu?"



Beagin: "estranhas coincidências"

O MDB PARTE AO ATAQUE, COM DENÚNCIAS.

A denúncia foi feita pelo vereador Tarcísio Germano de Lemos em altos brados: "tem gente que se utilizou do dinheiro público para realizar negócios particulares".

Feita num dos salões da Câmara Municipal, durante o breve período de descanso dos vereadores, a denúncia chegou a causar certa surpresa, apesar de alguns vereadores confirmarem que já tinham conhecimento do problema. Segundo Tarcísio, um funcionário do Velório Municipal havia se utilizado do dinheiro do pagamento de enterros para negociar automóveis.

O líder do MDB, diante da atenção geral de vereadores e jornalistas, não escondia a sua indignação, ao ponto de se dirigir aos repórteres que cobrem as sessões semanais da Câmara e alertá-los sobre o que chamava de verdadeiro disparate.

"Onde já se viu isso", dizia Tarcísio, "uma pessoa utilizar o dinheiro do munícipe como capital de giro para comprar automóveis, auferindo lucros do uso de um dinheiro que não lhe pertence.

E O PREFEITO?

Mas a indignação do líder do MDB não se restringia apenas ao fato de um funcionário ter usado indevidamente o dinheiro. "Sabem os senhores o que o prefeito fez?" dizia aos gritos o vereador. "Chamou o funcionário e lhe deu um "pito", como se faz com um moleque travesso. Tinha é que botar no olho da rua !!!".

Na quinta feira pela manhã o administrador do Velório Municipal, Renê Bochino, explicou que todo o dinheiro recebido pelo Velório é depositado imediatamente no banco.

– Essa denúncia do vereador – disse Renê – é uma inverdade. Para mim ele está ficando louco.

Renê Bochino explicou ainda que nas horas de folga negocia com automóveis, "mas nunca usei dinheiro que não fosse meu nas transações que fiz".

HONESTIDADE

Ainda durante a sua denúncia na Câmara, o líder do MDB, com muita ironia, afirmou que quando se fala demais em honestidade, é sinal de que nem sempre o muito honesto é realmente honesto. Já mais calmo e sorridente, o vereador disse que "aí está uma boa demonstração do alto grau de honestidade da atual administração".

Outra denúncia foi feita pelo vereador emedebista Pedro Oswaldo Beagin: segundo ele, está ocorrendo "protecionismo" na implantação das novas redes de esgoto do DAE. Segundo Beagin, ele conversou com o superintendente do DAE, Pedro Baldris, logo que assumiu seu cargo. E ele lhe disse que não haveria dinheiro para implantar sequer um metro de esgoto, este ano. No entanto, acusa Beagin, foram construídas recentemente redes de esgotos na rua Voluntários da Pátria, onde o superintendente do DAE seria dono de mais de 20 casas. E em uma das ruas da Vila Helena, onde foi remanejada a rede de esgotos, ele também é, segundo Beagin, proprietário de seis imóveis. Estranhas coincidências, segundo o vereador.

José Pedro Rosell Baldris diz que acha as acusações "tão infantis" que "acho que nem vale a pena responder". Por outro lado, disse que ficou muito contente em saber que tem seis casas na Vila Helena, e que agora vai pedir ao vereador para que ele passe as escrituras (na verdade, Beagin disse Vila Mafalda). As redes na rua Voluntários da Pátria, segundo o superintendente do DAE, foram pedidas por várias pessoas inclusive o próprio Beagin. (S.H.)

Fique Sabendo

CURSO – Secretariado-Executivo; intensivo, promovido pelo Curso Expansão. Aulas aos sábados e só para mulheres; duração: 6 e 8 meses. Programa, inscrições e outras informações: rua do Rosário, 667, das 8 às 18 horas, diariamente.

CONFERÊNCIAS – O informativo "O Executivo", distribuído pelo São Paulo Hilton e seus hóspedes, traz em seu número 3 matéria explicando como se planeja conferências. Para receber um exemplar, o interessado deve escrever para Régine Verbolovski, São Paulo Hilton, avenida Ipiranga, 165, São Paulo, Capital.

JORNAL – já está circulando o "Jornal dos 5 Hobbies", publicação quinzenal destinada a quem gosta de xadrez, filatelia, charadismo, numismática e damas. Formato tablóide, 16 páginas. Funciona apenas pelo sistema de assinaturas, que devem ser pedidas à AMR Ltda., Caixa Postal, 51524, CEP 01000, São Paulo, SP.

ALMANAQUE – Circulando mais uma edição do "Almanaque Biotônico Vitalidade 76", feito por um grupo de artistas plásticos, fotógrafos, poetas, etc. O grupo que organiza o "Almanaque" está aberto a sugestões e aceita novos colaboradores. Quem quiser entrar em contato com eles deve escrever para: "Nuvem Cigana Empreendimentos Artísticos Ltda.", Caixa Postal, 44018, Santa Tereza, ZC-45, Rio de Janeiro, RJ.



Dê de mamar às crianças na hora certa, e leve-as no posto mais próximo de vacinação para evitar que elas fiquem que nem aqueles moleques que aparecem nos filminhos de televisão e fazem as mamães chorarem; lembrem-se inclusive que as mamães podem ser você.

Nunca nade em rios poluídos porque pode dar bicho-de-pé; se não houver rios despoluídos, procure não nadar. Entre sócio de um clube que tenha piscina, e você será mais feliz.

Faça como seu Ângelo, nunca deixe morrer o jardim, como dizia a cançãozinhaque o maestro Biela ensinava à gente na escola.

Ao cair num poço cheio de ariranhas, lembre-se de duas coisas: em primeiro lugar, elas não são perigosas. Mas por via das dúvidas, para evitar desagradáveis surpresas, procure levar um estojo de pronto-socorro. Podendo evitar, é melhor nem se aproximar do poço. Tente coisa melhor, como os guepardos do Jardim Zoológico de São Paulo. Mas não chegue muito perto, porque eles estão á procura de espaço para se amarem.

Cumprimente todo o dia o seu vizinho, ofereça-lhe transporte solidário, e quando ele jogar lixo no seu quintal mande flores à sua esposa. Ele sentirá que você está procurando ser irônico e sutil, e tentará jogar o lixo na lixeira, ou na pior das hipóteses no quintal do outro vizinho.

Quando você for interpelado por um forasteiro perdido nas intrincadas esquinas de sua cidade, procure serví-lo, apontando-lhe o caminho correto, as curvas exatas, as mãos certas e as contramãos erradas.

Ao flagrar um hediondo marginal tentando arrombar a porta de seu carro para roubar o tape, ofereça-lhe, em troca, todas as fitas de Benito di Paula que tiver por perto (se não tiver, trate de comprar) e ofereça-lhe um exemplar do Aurélio e da Moderna Gramática da Língua Portuguesa, para evitar que ele caia em desagradáveis incorreções gramaticais durante o interrogatório policial.

(No ítem acima, onde se lê a palavra **hediondo**, leia-se **perigoso**. É menos chocante).

Quando a luz de sua casa se apagar, telefone à Light para saber se o defeito é geral, ou se é particular. Em sendo geral, acalme-se e espere a luz voltar. Em sendo particular, procure a causa. Pode ser um simples fuzível queimado. Se for algo mais do que isso, trate de chamar um eletricista. Se ele também não der um jeito, talvez seja a hora de pagar a conta do mês passado, que está atrasada.

(E aqui termina, por hoje, meu primeiro e exaustivo exercício prático de Literatura Aplicada. É que, como todo ser humano, a gente tem um camichãozinho literário – Deus que me perdoe – e sempre pode calhar de querer escrever um livrozinho de contos, algo assim bem leve. Tenho uns amigos da pesada, pós graduados em Letras, coisas assim, que me recomendaram certas leituras, como "ABC da Literatura", de Ezra Pound, obras de Nabokov, umas coisas complicadas. Depois que eu li que o procurador Sylvio Florêncio não quer liberar o livro "Feliz Ano Novo" de Rubem Fonseca porque "retrata conversas de subgente e tipos patológicos" e que usa "um linguajar sórdido" e que além de tudo "não acende luz alguma, não encerra mensagem positiva e não conduz a nada" achei que era melhor encher este modesto espaçozinho com um também modesto exercício de estilo. Será que dá, seu Sylvio? Conduzi? Acendi luz? Fui um mensageiro da positividade?).

Sandro Vaia

VENHA BUSCAR SEU VOLKS OKM. NA Sótergal BASTA PARTICIPAR DA V.D.C. PARA GANHAR! TUDO A PREÇO DE INDÚSTRIA!

SÓTERGAL
Avenida Dr. Otavo Guimarães 197
Rua São Pedro, 293 Ponte São João

ZONA FRANCA

ÔNIBUS

"Sou assíduo leitor desse jornal e quero dizer-lhes que ele satisfaz, pois contém de quase tudo o que é preciso num jornal. Mas deixemos de lado os desnecessários elogios e vamos direto ao assunto. Quero sugerir a vocês que façam uma reportagem criticando e pesquisando o "serviço de ônibus" em nossa cidade. Principalmente a linha que serve o Jardim Tarumã e Jundiaí-Mirim – este último, aliás, não tem ônibus, se não de hora em hora, e **quando tem.**

Outra coisa, os motoristas – ou melhor, **alguns** motoristas fazem dos passageiros seu inimigo número um, calculem o que eles fazem quando os ônibus estão lotados – por sinal, sempre estão lotados. A inobservância de horários, então, nem se fala. Cinco, até cinco minutos de diferença, ainda passa. Mas quinze ou mais, tenha paciência. Que me desculpem os motoristas, pois o que eles ganham não é pra trabalhar contentes. Quero dizer, **satisfeitos**, mas nós não temos culpa disso e **também** somos operários e ganhamos igual ou menos que eles.

Quero, então, apelar mais uma vez para a imprensa, na esperança de que alguém, ou alguns, responsável(eis) pelo transporte coletivo em Jundiaí tomem conhecimento dessa situação e façam alguma coisa. Pelo menos para os bairros onde 98% da população pertencem à classe operária.

Espero que, se for atendido, quero dizer, se sair a matéria "à la Jornal de 2a. Feira", alguém ponha um ponto final nesse martírio, que é andar de ônibus lotado e atrasado.

Conto com vocês na publicação de pelo menos (agora já estou querendo menos) algumas linhas, nesse sentido. Procurem também descobrir quantas pessoas já foram roubadas dentro dos referidos ônibus (Jardim Tarumã), ou pelo menos sofreram tentativas de roubo. Alguns marginais descobriram que, com o ônibus lotado, é muito fácil "bater algumas carteiras". E alguns passageiros, naturalmente, já estão se revoltando com isso.

Bem, está aí o meu desabafo. Se vocês forem fazer alguma coisa, por favor, nós agradecemos (falo em nome dos moradores de Jundiaí-Mirim). Se por acaso vocês forem publicar minha carta, não publiquem o meu nome. Obrigado". **D.F.**

Aguarde sr. D.F., que já estamos levantando o problema.

FESTA DOS GARÇONS

"Sr. Servimo-nos da presente para convidá-lo para a festa que estaremos promovendo no dia 12 de setembro próximo, a partir das 15 horas, em nossa sede, à rua Barão de Jundiaí, 881, em comemoração ao dia dos garçons, cozinheiros e barmen, membros desta Associação dos trabalhadores no setor de Hotelaria, Restaurantes e Similares de Jundiaí. Contando com a honrosa presença de V.S., subscrevemo-nos atenciosamente, **Antonio Gomes.**

Um abração prá turma dos garçons, cozinheiros e barmen. Que seria da nossa fome (e da nossa sede) sem essa guapa rapaziada?

NOSSO DIA

"Sr. aproveitando o ensejo da passagem, no último dia 10 de setembro, da data comemorativa do Dia da Imprensa, envio, como leitor assíduo que sou desse semanário, os meus sinceros cumprimentos, e os desejos de que os srs. continuem pautando a sua ação dentro de uma linha de independência e coragem que os tem caracterizado. **Francisco M. Franco.**

Seu Francisco, penhorados e comovidos agradecemos. De nossa parte o sr. pode continuar esperando independência e coragem.

CAOS NO TRÂNSITO

"Sr.: sou um dos infelizes jundiaienses que são obrigados, diariamente, a trafegar, no horário do **rush**, pela rua engenheiro Monlevade, no sentido cidade – rua Pirapora. Como os srs. devem saber, afinal essa via acabou ficando como única opção para os que pretendem fazer essa citada ligação. Será que em Jundiaí não existem técnicos ou especialistas em trânsito que percebam essas coisas? Não existe um órgão chamado Comutran, criado exatamente para cuidar desses problemas? Será que nenhum desses senhores desse tal órgão jamais passaram por aquela rua, que além de estreita é cheia de cruzamentos? Gostaria que os srs. fizessem uma reportagem sobre isso, se for possível, chamando a atenção dos responsáveis. **Belmiro Paganotti.**

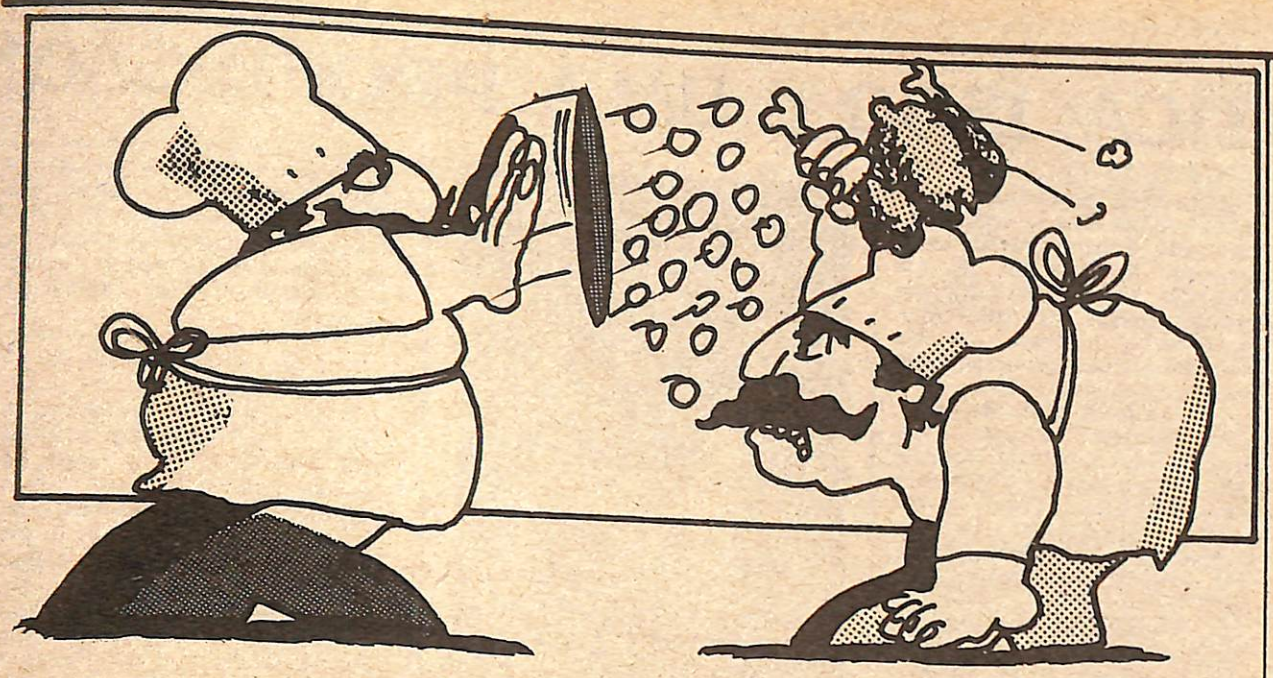
Sugestão anotada, sr. Belmiro. Olhaí, Comutran, vamos olhar para isso?

Entre na corrente da segurança.



Toda hora é hora de depositar na Caderneta de Poupança Habitacional. Seu dinheiro vai render correção monetária e dividendos, dia a dia, todos os dias. Crescendo com segurança, para sua tranqüilidade.

Caderneta de Poupança
Habitacional APE
Campinas • São Paulo
Americana • Jundiaí



PASSARIN VERSUS PASSARIN

(Ou: as últimas batalhas dessa guerra do ravioli.)

Uma guerra de ravioli e de placas se desenrola entre dois restaurantes da cidade, que brigam pelo mesmo nome: Passarin. Quem é o verdadeiro Passarin? Ao turista-gastrônomo, que visita Jundiaí nos fins-de-semana à procura das decantadas delícias da nossa cozinha campestre, oferecem-se logo à entrada da avenida Jundiaí duas (saborosas) opções: são duas placas, uma indicando que o Passarin fica logo aí do lado; a outra indicando que o Passarin fica um pouco mais prá lá.

A primeira das placas, semanas atrás amanheceu grotescamente pichada. Mais um capítulo de guerra? Pode ser.

A história começou há cinco anos, quando Antônio Rimoli Pronte, o italiano naturalizado venezuelano Don Antônio, seguindo uma tradição de família – que sempre teve restaurantes – arrendou o restaurante da tradicional família Passarin, de Jundiaí, na Vila Rica. É um restaurante campestre, cercado de árvores, com fama de servir boa comida. Segundo Egydio Passarin, com o contrato de arrendamento "foi cedida a razão social do restaurante". Segundo dona Ruth, a mulher de Don Antônio, a razão social foi "comprada em moeda corrente".

O fato é que no contrato de arrendamento houve um descuido: omitiu-se a cláusula segundo a qual o nome Passarin não poderia sair daquela propriedade.

A GUERRA DO NOME

E durante cinco anos, o contrato foi sendo renovado, sempre omitindo-se aquela cláusula. Foi então que os Rimoli resolveram fazer uma sondagem a respeito do nome Passarin. A versão de dona Ruty:

– O nome Passarin estava arquivado desde 1967, livre de todas as categorias. Então solicitamos o pedido de registro, que foi deferido pelo INPI – Instituto Nacional de Propriedade Industrial. E eles entraram com uma ação dizendo que era nome de família e não poderia ser usado.

A versão de Egydio Passarin, da família proprietária da Trattoria Passarin, a antiga:

– O nosso pedido de registro no INPI foi feito em 1968, portanto é anterior ao deles, que é de 1973. O que eles conseguiram foi registrar o nome na Junta Comercial da cidade, e em primeira instância, porque nós já apelamos

Em abril de 76, os Rimoli resolveram arrendar o antigo Balaio e sair do Passarin. Mas levando o nome.

– Como o contrato terminaria em 30 de maio – conta dona Ruth – a gente resolveu continuar com os dois restaurantes funcionando ao mesmo tempo, por alguns dias. Mas eles fizeram uma barreira na rua do restaurante e davam uma garrafa de champagne aos fregueses, dizendo que o restaurante voltaria a funcionar brevemente. Mas ele estava funcionando.

Para Egydio Passarin, a história é outra:

– Eles sairam em fins de abril, antes de vencer o contrato. Trabalharam apenas num domingo, com o pessoal servindo aperitivos e outro avisando aos fregueses que o Restaurante Passarin havia se mudado.

No contrato, havia uma cláusula dizendo que o restaurante não poderia ficar fechado por nenhum dia. Segundo Egydio, um oficial de justiça acompanhou o caso por três dias. Constatou-se o abandono e o restaurante foi devolvido aos Passarin. "Depois de arrumar o recinto – conta Egydio – o oficial de justiça arrolou todo o material: o que era deles e o que era nosso".

Naquela noite, às 22 horas, Ruth foi ao restaurante: "afinal ele ainda era nosso. Mas o que apareceu na frente do meu carro? O guarda da indústria Passarin, armado, dizendo que eu não poderia entrar".

Realmente, isso ocorreu, como afirma Egydio: "ela soube que o oficial tinha aberto o local, mas não tinha o direito de entrar, e o guarda não permitiu"

Ruth foi à polícia e levou com ela um guarda agachado no carro para constatar a ocorrência



Dona Ruth

– confirmada, mas segundo Ruth a ordem judicial declarando o abandono era desconhecida: "eu não tinha recebido nenhum ofício!" e para provar ele conta:

"Na delegacia do Anhangabaú eles não queriam registrar a queixa naquele dia. Faziam questão de colocar a data errada, mas depois de muita briga consegui. Só no dia seguinte é que recebi o ofício da "imissão de posse".

NÃO HAVIA PANELAS...

Indignada, Ruth argumenta: "Como é que alguém abandona um local deixando cofre com dinheiro, e além disso lá estava todo o meu enxoval guardado em baús?".

E nessa altura da história começa mais uma briga – a do material arrolado. Segundo Egydio Passarin muita coisa já tinha sido levada para o outro restaurante, "inclusive coisas nossas, fala Egídio. Não haviam panelas. E imagine um restaurante funcionar sem panelas...".

Por outro lado Ruth fala: "O nosso advogado conseguiu que o juíz fosse até o local constatar o que havia acontecido".

PICHE, FOGO, ETC....

E agora mais essa: o caso da placa pichada. Segundo dona Ruth, o guarda do posto Crupe diz que, naquela noite, ele viu um "Passat amarelo suspeito", cheio de rapazes, pintando o local. E o caso é que o sr. Egydio Passarin tem um Passat amarelo. Dona Ruth registrou queixa na delegacia.

Mais adiante, puseram fogo embaixo do fio de luz e telefone do Passarin-ex-Balaio. "Um perigo – diz dona Ruth – pois quase que o fogo pega na Vescam, que estava cheia de carros. Mas o guarda de lá apagou em tempo".

Para Egydio, a explicação é simples: "eu acredito que o autor de tudo isso tenha sido um funcionário deles. Fizeram uma jogada para que nós ficassemos antipáticos à clientela. Mas não teria cabimento nos rebaixarmos a tanto. Apenas recorremos à Justiça por uma questão de moral. Afinal, eu também não sei por eles têm feito isso, pois capacidade para fazer funcionar um restaurante eles têm, e muita".

A solução da guerra, por enquanto, está longe. O veredito – ao que espera – não sairá dessa batalha de palavras. É mais provável que tudo seja decidido à mesa: vencerá quem tiver o melhor prato. (L.C.)

I

O tecelão Alexandre Montagnoli morreu em São Paulo, na semana passada, quando estava sendo levado por uma rádio-patrulha ao Hospital João XXIII. Antes, o carro da Polícia Militar havia passado pelo pronto-socorro da Moóca, na avenida Pães de Barros, onde o ilustre discípulo de Hipócrates, Remo Miguel Angel Bertoglio, dormia tranquilamente. O sono estava tão bom que o dr-Remo não quis ser interrompido nem quando sua secretária o avisou sobre o homem que estava ali, passando muito mal.

Instaurado o inquérito sobre omissão de socorros, Remo alegou ser formado pela Universidad Nacional de Córdoba e que estava estagiando no PS para poder exercer a profissão no Brasil. E mais: "o caso era grave e eu não sabia como agir".

Não consegui entender. O homem está passando mal, leva-se o homem para um pronto-socorro e o médico que lá está não sabe como agir. E morre. O caso, revoltante, foi registrado no 18.o Distrito Policial. Como se vê, em boa hora a Igreja iniciava seu novo movimento: "Encontro de Médicos com Cristo".

II

No caso do meu amigo Lourenço Diaféria, cronista da Folha de São Paulo, que atraiu as iras do Planalto por causa de um artigo sobre heróis antigos e contemporâneos, tenho a impressão de que se trata de um caso para os filólogos resolverem. De fato, o problema é de literatura, e não jurídico, como diria o advogado Leonardo Frankenthall, com quem conversei sobre o assunto. Ele irá defender Lourenço. Ainda não sabe bem do que, mas vai defender.

III

Os casos Cláudia e Aracelli caminham, fala-se de novo no caso Ana Lídia. Em todos eles, um denominador comum: o uso de drogas entorpecentes. Por sinal, o consumo está aumentando, violentamente, em todas as maiores cidades e, aparentemente, vamos chegar a um ponto em que teremos de fazer uma triste constatação: a sociedade se dividirá em drogados e não drogados. Já pensaram se competir aos drogados construir a nova sociedade?

Acabei de me lembrar que no caso Aida Curi, no qual David Nasser descarregou toda a sua fúria contra a dupla Ronaldo de Castro/Cassio Murilo, o advogado dos dois era o mesmo da dupla Michel/Khour, no recente caso do Rio: Wilson Lopes dos Santos.

E ainda existem os alienados que defendem o consumo de drogas, como se isso fosse a coisa mais natural do mundo.

IV

Nas recentes modificações na Polícia paulista, nada de especial com relação ao interior, com suas respectivas delegacias regionais e seccionais.

Em são Paulo, o delegado Fleury assume a direção do DEIC, saindo da Divisão de Ordem Social do DEOPS, com forte apoio do secretário da Segurança, coronel Erasmo Dias.

Além de lançar-se como administrador e ocupar pela primeira vez, em sua carreira, o cargo de diretor de Polícia (no caso, do DEIC), o delegado Fleury concorrerá em dezembro a vice-presidência da Associação dos Delegados, na chapa encabeçada por Zahir Dornaika, diretor da Academia da Polícia, e que foi delegado aqui em Jundiaí há mais de 12 ou 13 anos.

V

Minutos de silêncio na Câmara Municipal, protesto dos comerciantes, e lá se foi a Polícia para as ruas, em busca dos meninos conhecidos por "trombadinhas". Numa grande operação policial, foram detidas 1.800 pessoas. Entre elas, apenas 46 menores.

Percival de Souza

Escola Mundo Infantil – LAR-ESCOLA

Berçário, Maternal e Jardim.

Você é quem escolhe o horário de entrada e de saída de seu filho(a).

Fornecemos lanche, almoço, jantar e alimentação especial para os recém-nascidos e bebes.

Você pode nos confiar seu filho(a), a qualquer hora, para atender a um compromisso ou a uma viagem.

Período de adaptação e matrícula grátis.

Av. São Paulo, 68 - Vila Arens - Fone 436-4620

EMPREGADA DOMÉSTICA: ISSO É UMA PROFISSÃO?



Maria de Lourdes: dá pra aguentar.

FAXINA, UM TRABALHO DURO. MELHOR DO QUE A FÁBRICA?

Todos os dias, de segunda a sábado, Maria Rosa Cruz, uma mulher magrinha e mãe de dois filhos pequenos, sai para o trabalho. O dia nem clareou e lá vai ela, segurando pelas mãos os dois filhinhos, "um de cinco e outro de sete anos", a caminho do trabalho. "As crianças? Elas eu vou deixar no orfanato e depois pego à tarde".

Desde que veio do Paraná há quatro anos, Maria Rosa trabalha como faxineira em diversas casas da cidade, cobrando oitenta cruzeiros por dia.

Um pouco inibida, olhando de lado através das grossas lentes de seu óculos, Maria Rosa explica que trabalhar como faxineira não é fácil. "A gente trabalha praticamente sem parar, o dia todo, sem descanso". Mas Maria Rosa, apesar das dificuldades do trabalho pesado, não gostaria de trabalhar na fábrica, por um motivo bem simpels: como faxineira ela ganha mais e ainda tem a facilidade de poder cuidar dos filhos depois que acaba o serviço.

Maria de Lourdes Koch também é faxineira e prefere esse trabalho a ser operária em alguma fábrica. Ela se diz o tipo de mulher que não gosta de ficar parada, "prefiro estar sempre em movimento, hoje aqui, amanhã lá". Ela também considera o trabalho da faxineira muito "pesado", mas dá para aguentar. "Quando a gente pega uma casa grande, com muitas vidraças, faço apenas o que dá dentro do horário".

As duas faxineiras são de opinião de que o trabalho que fazem é bem melhor do que a fábrica. Maria de Lourdes foi tecelã durante muito tempo e há quatro anos trabalha na limpeza de casas. "Eu nunca ganharia como tecelã o que ganho na faxina e, além do mais, a gente não tem muito compromisso, pode até dar uma saidinha com a família de vez em quando, fazer um passeio".

Mas nem todas as opiniões são iguais: Fátima Daniela dos Santos já foi empregada doméstica e faxineira durante um ano. Ela trabalhava das sete da manhã às cinco e meia da tarde para ganhar apenas 350 cruzeiros. Registro em carteira? Fátima nem sabe o que é isso. "As minhas patroas nunca me registraram e faziam com que eu trabalhasse até aos domingos". Um dia ela se cansou. Arrumou um emprego na Elbena onde é registrada e ganha 700 cruzeiros por mês. Fátima considera esse emprego atual muito melhor: "Ganho mais do que ganhava como doméstica, o serviço que faço na fábrica é leve e a gente até se distrai".

Em 1972 a profissão de empregada doméstica foi regulamentada pelo governo federal, numa tentativa de oferecer a essa classe de trabalhadores algumas garantias sociais e um melhor 'status para a profissão, exercida normalmente por pessoas de faixa mais pobre da população.

A regulamentação da profissão trouxe benefício para as empregadas: elas trabalham com contrato na Carteira de Trabalho e descontam 8 por cento ao mês sobre o salário regional, o que lhes garante assistência médico - hospitalar como qualquer segurado do INPS.

Há mais uma vantagem: férias de vinte dias, depois de cada ano de trabalho. Mas paralelamente às vantagens, surgiram alguns problemas. Nem todas as donas de cada registram as suas empregadas e o motivo é o seguinte: com o registro em carteira, a patroa tem que descontar por sua conta os 8% a serem pagos ao INPS.

O que se nota é que, normalmente, a empregada combina um salário com a patroa, e que em Jundiaí gira em torno de Cr$ 900,00. Mas além disso, tem gratuitamente a alimentação, dinheiro para o ônibus e algumas vezes dorme no local de trabalho.

DE QUEM É A VANTAGEM?

À primeira vista, a empregada parece levar nítida vantagem no acordo que faz com a dona de casa: o dinheiro que recebe do salário acordado com a patroa sai livre no fim do mês. A vantagem está mesmo com as empregadas? Para a maioria das donas de casa, essa é uma dura realidade: a empregada acaba sempre tendo uma vantagem, mas isso faz parte do negócio. "Afinal a gente não tem muitas opções", explicou dona Delma Rossi.

De um modo geral, as donas de casa têm que se contentar com o material humano disponível na cidade e que, segundo afirmam, nem sempre é o ideal. Atualmente uma empregada de forno e fogão e que de quebra ainda lava e passa, não sai por menos de 1.500 cruzeiros por mês.



Calefo: exploração.

– O que acontece é que a gente tem que se sujeitar – disse dona Delma – a ter dentro de casa uma pessoa que não possui tarimba como empregada e que deve ser ensinada a trabalhar. Ou então, quando por muita sorte aparece alguma moça com qualidades, temos que pagar o que pedem, porque praticamente não tem em Jundiaí gente com boas condições para cuidar da casa.

DESPREPARO

A grande queixa das donas de casa em relação a empregadas é o despreparo para o trabalho. "Gente querendo trabalhar tem aos montes", disse uma dona de casa "mas somente depois de várias tentativas é que se consegue uma empregada com as mínimas condições de trabalho".

O que ocorre nestes casos é que invariavelmente, as empregadas domésticas são originárias da classe mais simples da população e nem sempre possuem conhecimentos sobre culinária e como cuidar de uma casa grande, pertencente a pessoas de classe alta e média. Há então a necessidade de preparar a empregada, com o risco de que quando ela estiver "no ponto", ser levada embora por uma oferta melhor. Ou partir para outra opção: insistir em achar uma boa empregada no meio de tantas pessoas sem condições que existem no mercado de trabalho.

MUDAM MUITO

Ocorre atualmente um outro fator: as empregadas domésticas já não trabalham tanto tempo na mesma casa. Os tempos em que elas passavam a vida inteira com a mesma família faz parte de um passado distante. Segundo Maurício Calefo, dono da Preserv – firma especializada em recrutamento de empregadas e a única existente em Jundiaí neste ramo, "hoje as empregadas quando muito param seis meses no mesmo serviço".

– O que ocorre é que nem sempre há entrosamento entre patroa e empregada. Tem muita gente desempregada em Jundiaí, não há escassez de pessoal, mas o aproveitamento é muito pequeno, porque a dona de casa é exigente ou a empregada não reúne condições de trabalho.

Na Preserv as empregadas são chamadas através do jornal e submetidas a uma entrevista. Posteriormente são levantadas informações sobre cada uma e só então são encaminhadas à dona de casa mediante o pagamento de uma taxa à agência.

Segundo Maurício Calefo, todas as semanas cerca de 35 pessoas são cadastradas na sua agência, mas apenas vinte por cento são aproveitadas. Em Jundiaí uma empregada chega a ganhar 900 cruzeiros por mês para fazer todos os serviços da casa, sendo comum ainda a exigência das patroas para que trabalhem nos domingos e feriados.

O salário em Jundiaí, na opinião de Maurício, é explorador, se comparado com Campinas, onde a média salarial gira em torno de 1.500 cruzeiros.

– Isso é uma incoerência – salientou Maurício – já que se a empregada trabalhar na indústria ela não será qualificada, enquanto que na residência ela terá qualificação.

JUNDIAÍ CLÍNICAS

Locais de atendimento

UNIDADE CENTRO
Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 434.1067 – 434.1777

UNIDADE VILA ARENS
Rua Frei Caneca, 162
Fones: 436.3260 – 436.6704

UNIDADE PRUDENTE
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 434 - 3998

UNIDADE DE ABREUGRAFIA
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 434.3998

UNIDADE CAMPO LIMPO
Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL SANTA RITA DE CÁSSIA
Praça Rotatória, s/n.o - Jad. Messina
Fones: 434.1056 – 434.1666

UMA ESCOLA PARA AS PRENDAS DO LAR

Com a finalidade de preparar a mulher para suas atividades caseiras, funciona no SESI, o Centro de Aprendizado Doméstico, que atende cerca de 600 industriárias ou filhas de industriários, de 14 a 50 anos.

Nos cursos, que duram dois semestres com duas aulas a cada 15 dias, "procura-se atender a faixa econômica das alunas, ensinando como aproveitar melhor os alimentos ou o material de que elas dispõem como desenvolver suas habilidades, e tudo o que for possível dentro de suas condições", explica Mitzi Farinazzo Lorza, chefe do CAD.

O curso mais procurado, Educação Alimentar, por exemplo, dá noções sobre planejamento de cardápio, orçamento, propriedades e valor nutritivo dos alimentos e também um complemento, que é a parte prática. "Nesse curso – acrescenta Mitzi – procura-se mostrar às alunas como o uso de um macarrão ou açúcar mais baratos, por exemplo, podem ter o mesmo valor nutritivo de outros mais caros".

Em Educação Doméstica, faz-se o orçamento familiar, dando orientação na divisão das despesas, juntamente com o desenvolvimento das habilidades manuais. As alunas, nos primeiros dias, escolhem o tipo de trabalho que preferem e se dividem em grupos. Nesse semestre, a preferência de todas caiu sobre o crochê. Aos poucos, talvez no próximo semestre, passarão para o bordado, tapeçaria e outros trabalhos manuais feitos com palhas, frutas silvestres, enfim todo tipo de material barato – o que é muito importante. A chefe do CAD explica que "não vamos ensinar crochê com fio dourado que logicamente elas nem poderiam comprar.

Dentro da Educação Doméstica, existe ainda a orientação de costura, onde a mulher vai aprender o traçado e corte das peças básicas do vestuário, além de orientações estéticas e função do vestuário na proteção à saúde.

Dentro de outra área, estão o curso de Educação para a saúde e Enfermagem do Lar, que fornecem para complementar as noções de higiene e outros cuidados, livros que custam por volta de três cruzeiros, para maior informação da aluna. Neste curso o número de vagas ainda não está completo.

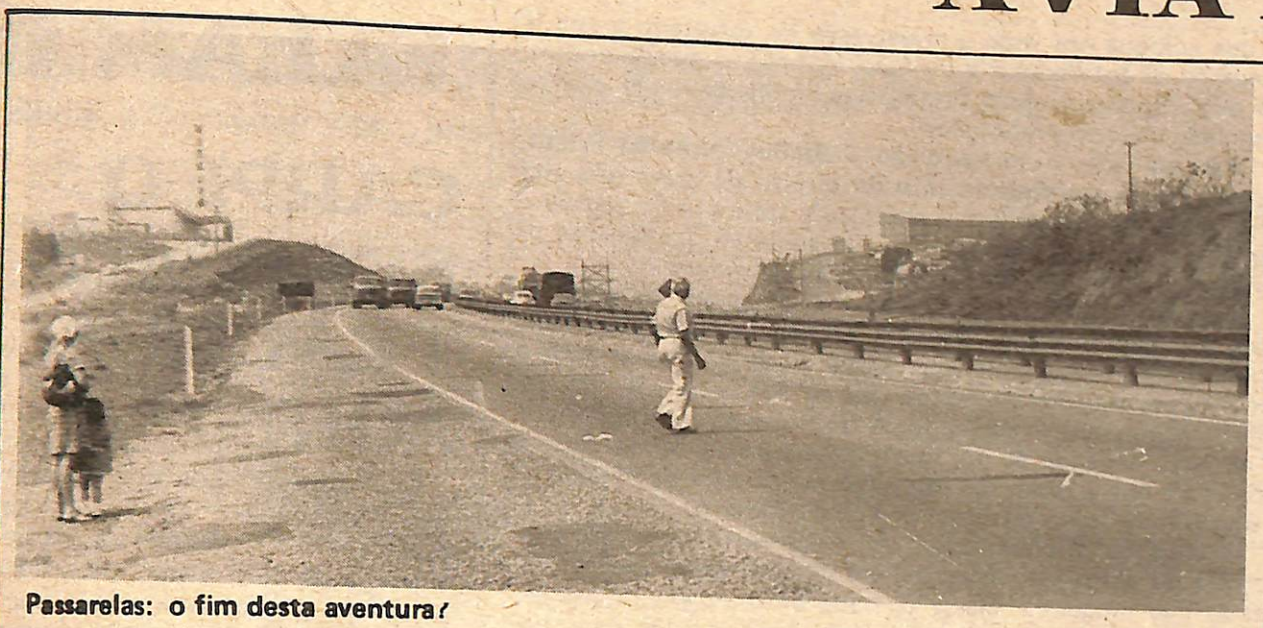
À noite é que o número e frequência das alunas é maior, já que a maior parte das delas é operária. As professoras têm formação específica, muitas de nível superior, e a metodologia utilizada é a dinâmica de grupo e a exposição com a participação das alunas.



No CAD, o preparo para o lar.

PASSARELAS: A MORTE DEIXANDO A VIA ANHANGUERA.

"Isto aqui é um cemitério", disse um morador da Vila Comercial. Com as passarelas que estão sendo construídas, a travessia da Anhanguera será muito menos perigosa. Por Berenice Guimarães.



Passarelas: o fim desta aventura?

"ESTA ESTRADA É A MORTE"

Para os moradores do Retiro a passarela do km 60 não vai ajudar muito. "Eu não vou utilizar a passarela", diz Francisco Araújo, que atravessa todos os dias a Anhanguera para tomar o ônibus Ermida. "Ela fica muito longe para mim".

Mas Oswaldo Trevisan, 30 anos, que trabalha na Krupp e mora no Retiro tem uma opinião diferente: "Há 15 anos eu atravesso esta estrada. Acho muito perigoso mas não tenho medo. Eu poderia tomar o ônibus aqui na esquina mas ele vem lotado e nunca pára. A passarela eu vou usar. Eu não sou bobo não".

PRÓS E CONTRAS

Ermelo de Morais mora no Retiro e trabalha como eletrecista por conta própria. Ele é um dos poucos a confessar: "atravesso esta estrada duas vezes por dia e sinto medo. Quando volto para casa só me sinto tranquilo ao chegar do lado de lá". Ele acha que a passarela vai ajudar muito. "Eu vou usá-la sempre. Chega de me arriscar".

Oswaldo Campos, casado, mora no jardim Brasília e trabalha na Hortolândia. Para ele a passarela não vai adiantar nada. "Ela seria boa porque evitaria o perigo de atravessar esta estrada principalmente à noite, "explica ele, "mas a gente sai de casa em cima da hora de trabalhar e vai ter que andar muito para usá-la".

Romeu Ferreira, torneiro mecânico e universitário tem uma opinião contra a localização da passarela: "Esta passarela está sendo construída em um local muito errado, em frente à Vila Alvorada. O lugar ideal seria em frente à Dersa. O bairro do Retiro tem uma população muito maior e em sua frente existem mais indústrias. E tem mais, no bairro Alvorada existe o ponto final do ônibus que atravessa a rodovia. Ele passa aqui pelo Retiro já lotado.

Ele se preocupa principalmente com as moças: "a maioria trabalha na fábrica de champagne e de palitos e tem que atravessar a pista. "Para mim não tem problema. Eu só atravesso esta estrada perigosa uma vez por semana. Tenho o meu carrinho".

UMA OPINIÃO IMPORTANTE

Ele é atendente de Primeiros Socorros do SOS e há quatro meses faz plantão no km 60. E neste tempo Sidney Tarciso já viu 15 atropelamentos, 10 fatais e 5 graves.

"Esta estrada é horrível, desagradável, é a morte", diz ele "A causa de todos os atropelamentos é a imprudência, o descuido dos pedestres. Os acidentados são geralmente adultos que saem do trabalho em grupos e vem conversando distraídamente".

Além disso não sabemos o que vai nos acontecer em um minuto. Pode-se sentir um mal súbito no meio da estrada. Por isso eu acho que a passarela vai resolver o problema de atropelamentos em 99%. Desde que o pessoal seja educado a utilizá-la".

Sidney trabalha em conjunto com o motorista da ambulância do SOS, que está equipada para atender qualquer caso de acidente. Os dois gostam muito do que fazem e acham que o trabalho é muito gratificante. José Fernandes diz que sua mulher não gosta muito do trabalho dele. "É porque eu corro muito, já fiz até 152 km por hora. Mas a dupla do SOS diz que não tem medo e afirma em conjunto: "para se ajudar alguém é preciso se arriscar".

"A PASSARELA É MEIA SOLUÇÃO"

"Esta passarela vai ajudar a quem mora na Vila Comercial. Nós, que moramos no Jardim Martins não vamos levar vantagem. Ela deveria ter sido construída na marca do km 54. Assim nós poderíamos aproveitar melhor". Salvador Francisco e Afonso José de Souza, operários da Cidamar.

"A passarela devia ser construída no km 54. É o local onde acontecem mais acidentes. – Tânia, Aparecida e Inês que atravessam a Anhanguera duas vezes por dia e trabalham na Cidamar.

A LOCALIZAÇÃO

Para muitos dos moradores do Jardim Maringá a passarela não vai ajudar muito e os pedestres vão continuar atravessando a pista. "Deveria ser feita uma cerca no meio da estrada para evitar que as pessoas tentassem atravessar e utilizassem a passarela" sugerem os proprietários do Bar Coimbra, os irmãos José e Francisco de Oliveira.

Seu Mário Roveri, que é porteiro da Cidamar há muitos anos e que já viu mais de 100 atropelamentos diz: "a passarela é uma meia solução. Nossos operários têm apenas 1 hora e meia para almoço e muitos deles não vão querer perder tempo para chegar até a passarela e vão atravessar na pista mesmo". E apresenta uma alternativa: "um túnel seria melhor, mais seguro mas haveria outro problema, o perigo de assalto".

A CAUSA DOS ATROPELAMENTOS

Os moradores da Vila Comercial e do Jardim Maringá já se acostumaram a atravessar a Anhanguera e não sentem medo nenhum. "Não tenho medo de atravessar e uso este caminho porque é mais perto para mim" explica Augusto Eleotério de Lima, que tem 15 anos e atravessa a pista três vezes por dia. "Mas aconselho a meu irmão mais novo a não atravessar. Isto aqui é muito perigoso".

Para eles a causa dos atropelamentos é sempre descuido, e falta de atenção do pedestre. Mas esta não é a opinião dos irmãos Oliveira, do Bar Coimbra: "A causa dos atropelamentos é simplesmente atravessar a pista" explicam eles. "Cada vez que a gente passa aí, arrisca-se a vida".

Seu Mário, porteiro da Cidamar, tem outra opinião: "temos cinco minutos por dia que não são nossos. Deve ser nesta hora que isto acontece".

QUEM CONSTRÓI?

José Raimundo de Souza é o encarregado da construção da passarela do km 54, onde com mais ou menos 10 operários trabalham 8 horas por dia para entregarem no dia 14 de dezembro a obra que começaram no dia 15 de agosto. Moram no acampamento que eles mesmos construiram, recebem a comida da cantina e no sábado à tarde são levados para casa.

José Raimundo, o encarregado, sente orgulho em trabalhar nesta construção. "Acho que esta passarela vai servir para ajudar muita gente. É um perigo atravessar esta estrada. Por isso mesmo nós já colocamos um aviso aqui": E aponta para a placa: "Perigo – Cuidado ao atravessar a pista".

AS PASSARELAS

Estas duas passarelas de Jundiaí fazem parte de um contrato conjunto que a Dersa assinou com a Construtora Better. Serão construídas 15 passarelas sendo que 8 serão na Anhanguera e 7 na Imigrantes/Anchieta. E vão custar de Cr$ 1.800 mil à Cr$ 2.200 mil.

As oito passarelas da via Anhanguera são as prioritárias mas o Departamento de Estatística da Dersa já relacionou até 30 pontos críticos onde é necessária a construção de novas passarelas.

As duas passarelas de Jundiaí, terão escadas para acesso. "Fizemos uma economia de Cr$ 2.000 mil" diz o engenheiro Fiasco, "porque estas passarelas serão construídas apenas em cima da pista da Anhanguera. Não vão atravessar as marginais porque elas ainda são de terra e não possuem muito tráfego. Mas vamos deixar prontas as fundações para aumentá-las quando for necessário".

A construção das passarelas não vai afetar o tráfego. Mas a colocação da viga principal deverá ser feita à noite. "Nesta operação gasta-se de 5 a 6 horas. Vamos ter que desviar o tráfego como fizemos na época da construção das outras três passarelas. No caso do km 54 talvez não dê para desviá-lo. Vamos ter que interditar a pista. Mas isto ainda demora. Já estamos estudando a melhor maneira de resolver o problema", diz o engenheiro Fiasco.

OS ACIDENTES

Em 1976 o número de vítimas de acidentes do km 53 ao 55 foi de 50, os mortos por atropelamento foram 12. No km 59 ao 61 o número de vítimas de acidentes foi 97 e de mortos por atropelamento 8.

E para evitar elevado número de atropelamentos a Dersa pretende educar o pedestre a utilizar a passarela, fechando a pista com alambrado e paisagismo; "vamos usar plantas com espinhos" explica o Dr. Fiasco "e evitar que o pedestre saia na pista ao descer da escada".

E O PEDESTRE?

Quem atravessa a estrada até quatro vezes por dia vai ter que andar um pouco mais. Muitos reclamam e dizem que vão continuar atravessando na pista (veja matéria ao lado). "Mas a Dersa vai fechar a estrada com alambrados e vegetação com muito espinho" explica o engenheiro Manoel Carlos Novaes, chefe da Divisão de tráfego e pedágio "para induzir o pedestre e utilizar a passarela".

E as passarelas com escadas de acesso ao invés de rampas como estava previsto no plano inicial, vai criar dificuldades para os velhos e os trabalhadores com suas bicicletas. Mas para o Dr. Fiasco, "as escadas serão seguras e a passarela é só para pedestre. Se começarem a atravessar com bicicletas, logo virão as motos e a passarela perde o seu objetivo".

AUTO PEÇAS E MECÂNICA GRAND-PRIX LTDA.



ESPECIALIZADA EM PEÇAS E MECÂNICA CHEVROLET
REVENDEDOR AUTORIZADO DOS TRAILERS
KARMANN CARAVAN
DA KARMANN-GHIA DO BRASIL LTDA.

Rua Bandeirantes, 157 – Fones: 436.6943 – 434.9226

EM TODO O BRASIL LUTAM PELO DINHEIRO P

EM NOME DE 850 MIL TRABALHADORES DE SÃO PAULO, O SINDICATO DOS METALÚRGICOS FOI A BRASÍLIA DISCUTIR A QUESTÃO OPERÁRIA. ESSE TEMA, MANTIDO HÁ LONGOS ANOS NO OSTRACISMO, CAUSOU GRANDE REPERCUSSÃO. ENQUANTO ISSO, PROSSEGUE A LUTA PARA AS ELEIÇÕES NO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE JUNDIAÍ. AQUI, O PROBLEMA SINDICAL.

Das sombras de muitos anos de silêncio, os líderes sindicais dos metalúrgicos de São Bernardo e Diadema foram à Brasília. E falaram. Não houve gritos, escândalos, tampouco as chamadas vias de fato. Mas acabou sendo derrubada uma vigorosa muralha que separava os trabalhadores do Governo. Assim, os operários voltaram a ocupar generosos espaços na Imprensa.

A caminhada até os salões do Ministério do Trabalho, em Brasília, foi longa. No dia 6 de junho, portando um documento de 22 laudas, os líderes foram até Brasília para entregá-lo ao presidente Geisel. Não conseguiram audiência. No dia 23 de agosto, enviaram ao ministro do Trabalho o documento, já alterado em alguns pontos, para que ele o entregasse ao presidente. Isto também não aconteceu.

No dia 6, o documento foi discutido com os ministros Mário Henrique Simonsen, Reis Velloso, Calmon de Sá e Jorge Furtado (interino do Trabalho) durante um encontro de três horas, que deveria ter acontecido no dia anterior, mas os líderes não compareceram por falta de avião.

AS REIVINDICAÇÕES

Basicamente, no documento dos metalúrgicos consta uma interpretação dos planos nacionais de desenvolvimento e suas consequências. As soluções apresentadas pedem a revogação da política salarial, liberdade e autonomia sindical, e a participação dos sindicatos nas decisões governamentais que digam respeito aos trabalhadores. Mais a reposição dos 34,1% que os trabalhadores deixaram de receber com a inflação de 1973, admitida pelo governo.

Os dirigentes sindicais chegaram a conclusões importantes, como o fato da distribuição da renda estar enriquecendo 6% da população em prejuízo do restante. O Fundo de Garantia do Tempo de Serviço, substituindo a estabilidade, eliminou a garantia do emprego, tornando o funcionário extremamente vulnerável às conveniências do empregador, que pode dispensá-lo livremente.

Na verdade, os sindicatos estão manietados há muito mais tempo do que se imagina. Em 1937, na ditadura de Getúlio Vargas, o governo tomou para si a incumbência de organizar as associações de classe. Apesar de períodos mais amenos que ocorreram posteriormente, nunca mais as entidades sindicais ficaram livres da tutela governamental. Essa situação acabou gerando um filho espúrio: o peleguismo sindical, um tipo de liderança sempre caracterizada como defensora dos interesses do poder central, raramente de seus representados.

Aparentemente existe muito pouca disposição do governo em mudar a estrutura dos sindicatos. Inclusive, o ministro Reis Velloso chegou a declarar que "no presente momento, não se afigura oportuna nenhuma reivindicação nova, de nenhum setor — seja ela da área do trabalhador, seja da área empresarial —, que coloque em risco a preservação do resultado a que já chegamos na luta contra a inflação, mesmo porque reivindicação dessa tipo costumam propagar-se em reações em cadeia, assumindo maiores proporções".

Por sua vez, o ministro do Trabalho, Arnaldo Prieto, afirmou que o restabelecimento do direito de greve não está sendo estudado, tampouco a negociação direta entre patrão e empregado nos reajustes salariais. Como se vê, justamente os pontos nevrálgicos do documento dos metalúrgicos.

O acordo direto entre patrão e empregado nas decisões sobre salários é praticado em larga escala nos Estados Unidos, através dos contratos coletivos. Assim, os funcionários podem discutir com seus empregadores acerca das condições de trabalho, remuneração e participação no lucro da empresa. É claro que isso depende de um movimento sindical estruturado e forte, para que a discussão seja feita em termos de igualdade. A situação no Brasil, no entanto, é bem diferente.

Usando do já conhecido "off the record", um alto funcionário da Justiça do Trabalho em Jundiaí disse que os problemas que afligem a classe operária existem em dimensões nacionais. Para ele, os sindicatos locais têm cumprido com suas obrigações de forma satisfatória, dentro das normas atuais e das limitações vigentes.

Esse mesmo funcionário é da opinião que o sindicato pode agir no sentido de sensibilizar os políticos, o Poder Público e a opinião pública para modificar leis prejudiciais a determinadas classes, como a dos operários. Esse caminho, um tanto sinuoso, para ele é melhor do que se firmar em posições que "tangenciam o proibido", o que pode provocar reações inesperadas.

A solicitação dos metalúrgicos, segundo ele, é justa mas inconveniente, por causa da crise econômica pela qual atravessa o País. Dentro desse princípio, apoia o movimento dos metalúrgicos, pois condena a apatia. Da mesma forma com que faz restrições à grande repercussão na Imprensa.

— A luta — disse o funcionário — não deve ser dirigida para afrontar a lei, mas na tentativa de mudar as normas, aperfeiçoando-as, melhorando-as. Acho melhor se curvar à lei do que se ajoelhar perante o tirano.

Em Jundiaí, o sindicalismo está bastante caracterizado pela longevidade com que seus líderes vêm se mantendo em seus postos. Há vários casos, entre eles do sindicado dos comerciários, há várias décadas sob a presidência de Mário Folgosi. A manutenção dessas lideranças trouxe algum benefício à entidade?

Aparentemente não. Existem muitas queixas sobre o afastamento dos trabalhadores dos seus órgãos representativos. Os motivos alegados são quase sempre um só, com as nuances particulares de cada sindicato: os empregadores não vêem com bons olhos os funcionários sindicalizados, havendo inclusive casos comentados nos meios trabalhistas de verdadeiras perseguições aos empregados que ousam se sindicalizar e, pior ainda, aos que disputam os cargos diretivos nos sindicatos.

Com a proximidade das eleições no sindicato local dos metalúrgicos, está havendo uma acirrada disputa entre o presidente atual, Guilherme Perón, e os candidatos Ercílio Carpi e Rolando Giarola. Uma possível renovação não será muito fácil por dois motivos: os metalúrgicos sindicalizados são muito poucos e aqueles que querem uma renovação certamente terão divididos os seus votos com os outros dois candidatos. Os mais tradicionais, acabarão elegendo novamente o velho presidente.

OPINIÃO

As reivindicações dos líderes sindicais dos metalúrgicos não podem ser consideradas como o súbito despertar de um longo sono. A voz que ergueram em Brasília não pode ser isolada como apenas de uma classe, pois na verdade não o é. Unicamente as condições pareceram favoráveis, motivo da elaboração do documento e a posterior tentativa de abrir o debate.

A aparente disposição do Governo encheu de coragem aqueles líderes, mais o fatol da permanente desvalorização dos salários, que agora chegam a níveis bastante graves. Nos países onde os sindicatos emergem realmente dos trabalhadores, as lideranças são fortes, porque a instituição sindical é mantida pelos trabalhadores.

Assim, as possibilidade de haver um diálogo com os empresários e o governo no sentido de atuar dentro da política trabalhista torna-se muito grande. Quando não existe a disposição para ouvir e, se for o caso, atender as reivindicações trabalhistas, os sindicatos têm liberdade para agir.

Aqui no Brasil a situação é bastante diferente. Quando as estruturas sindicais foram mudadas em 1930, houve muito poucas alterações até agora. A defesa dos interesses da classe operária sempre dependeu do aval do governo.

Agindo dentro dos sindicatos, o poder central controla essas entidades, que não podem ser consideradas verdadeiramente representativas. Essa situação, agravada pelos problemas econômicos por que passam os trabalhadores, pode levar a desfechos bastante desagradáveis.

Enquanto perdurar essas características dos sindicatos, que podem sofrer intervenção direta do governo, com a deposição do presidente eleito, os operários, como classe, sempre serão frágeis. Mas se houver uma consciência a iluminar o marasmo que os abate e a liberdade de ação dos sindicatos, poderá ser possível a discussão trabalhista em pé de igualdade.

A justiça social, nesses termos, poderá ser conseguida, desde que haja o necessário bom sendo de ambas as partes. Caso contrário, a fase extrema da luta de classes será inevitável. (C.K.I.)

FALAM OS LÍ

Ercílio Carpi, ca idat

CARPI: O SINDICATO TEM QUE AGIR.

Os descaminhos que o Sindicato dos Metalúrgicos de Jundiaí segue atualmente é a grande mágoa que o vereador Ercílio Carpi carrega consigo. Num dos intervalos da última sessão da Câmara Municipal, o vereador Ercílio Carpi, que também é candidato às eleições que se realizarão brevemente no Sindicato dos Metalúrgicos, ele salientou que "a nossa entidade não está querendo entrar em choque com a classe patronal de Jundiaí e região. E a culpa é basicamente do atual presidente, que é fraco na condução dos problemas".

Como exemplo, Ercílio salienta "o silêncio que envolve a presidência num momento como o atual, quando os nossos colegas de São Paulo e do ABC reivindicam uma reposição salarial, como compensação das perdas ocorridas nos reajustes de 1973".

Para o vereador, esse silêncio não condiz com o Sindicato dos Metalúrgicos de Jundiaí, que possui uma tradição de longos anos como entidade eminentemente reinvidicatória. Ele não esconde a sua opinião a respeito do assunto, dizendo que concorda plenamente com o pedido dos metalúrgicos, "o que é nada mais do que um direito adquirido e que nos foi negado por erro técnico".

Salienta ainda que o cálculo deveria ter sido feito naquele ano com dados globais, e isso não foi feito. "O aumento do custo de vida em 1973 superou bastante as previsões dos técnicos do Governo e nem por isso foi atualizado, deixando em precárias condições toda uma clase trabalhadora".

O SILÊNCIO

Na opinião de Ercílio Carpi o silêncio do atual presidente sobre as reivindicações dos metalúrgicos tem uma explicação: é muito mais fácil esperar que as vantagens venham através da luta de outros sindicatos. Obviamente, como isso o presidente atual não se compromete com ninguém, fica na sua e ainda com grandes chances de ficar mais tempo na presidência".

— O Sindicato dos Metalúrgicos de Jundiaí — esclareceu Ercílio — deveria ficar atento a tudo o que ocorre na sua área de atuação. Ele não pode ficar distante. No momento em que soube dos direitos que os metalúrgicos têm, o presidente deveria imediatamente convocar uma assembléia e discutir a problemática. E se fosse necessário, solidarizar-se efetivamente aos colegas de São Paulo e ABC e até mesmo do Brasil.

Para o vereador, a maior força do Sindicato está na união dos seus filiados, que devem ter consciência de seus

...IL, OS SINDICATOS ...PERDIDO. E EM JUNDIAÍ?

...LIDERES DOS METALÚRGICOS

...cano...dato à presidência, e Guilherme Perón, presidente, falam sobre o problema.

...reitos... obrigações. Cabe ao Sindi... ...to co... conscientizar a classe operária, ...s em... Jundiaí isso não ocorre. Se... ...ndo ... vereador, em nossa cidade ...m mo... metalúrgico que nem sabe que to... ...s ... meses lhe é descontado ...$ 2C... na sua folha de pagamento. ...Mas ... isso também tem explicação: ...anto ... quais inconsciente for o filiado, ...elhor ... está para certos interesses, já ...e o ... ignorante é muito mais fácil de ...con... dirido, manejado".

...Par... Ercílio Carpi, essa inconsciência ...ncia... que o metalúrgico possui atualmente ...ente... deve ser vista como responsabilidade ...ade ... atual direção do Sindicato. A ...eficiê... falta da entidade, para o vereador ...r. ... manifesta claramente na posição ...o com... sindista do atual presidente em ...ação ... relação às reivindicações dos nossos ...legas ... colegas de outras regiões".

...Par... Para exemplificar o seu ponto de ...ta, ... vista, Ercílio salientou que "muita gente ...me ... procura diariamente para saber ...mo ... como está a situação da reivindicação ...pess... salarial de São Paulo. Ora, isso mostra ...per... claramente até onde vai o grau ...ignor... de ignorância dos nossos colegas so... ...e o ... mesmo junto Ignorância cultivada du...ate ... muitos anos e que hoje atinge seu ápi...".

OS AVISOS

...Pas... Passando as mãos pelos cabelos ...os. ... Ercílio não esconde o seu desgosto ...nter... e diz que não adianta ...ocar ... os quadros murais das indús... ...s ... tem de que uma nova piscina ...ser ... está a caminho. "O que o operário ...er ... quer, além do lazer, é ser consultado ...ntiza... sobre seus direitos e participar ...disc... das decisões dos problemas que o afe...n ... tam diretamente, com reivindicação ...arial ...".

...E ... O vereador faz uma pergunta: ...r q... "Porque não se faz uma assembléia ...ra ... para discutir e debater os sérios pro...mas ... blemas de classe? Em Jundiaí, o Sin...ato ... dicato reúne uma vez por ...s, ... época do dissídio coletivo, ...enas ... para aceitar os índices que são ...post... impostos pelo Governo. "Acredito ...e nc... que o de um índice indesejável,



...va o silêncio

os Sindicatos, sem exceção, deveriam se movimentar para conseguir aquilo que acham de direito do trabalhador. Apesar de a legislação atual restringir bastante a atuação dos Sindicatos ainda acredito que dentro do sistema atual se poderia fazer muito mais pela classe dos metalúrgicos, mesmo sem ferir a Lei".

PERÓN: O SINDICATO AGE.

Depois de muita insistência, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Jundiaí, Guilherme Perón, resolveu se manifestar sobre as reivindicações que os metalúrgicos de todo o País estão realizando.

Por ser um homem muito ocupado, segundo a sua secretária, ele apenas respondeu às perguntas da reportagem do **Jornal de 2a. Feira** mediante a entrega de uma relação de perguntas por escrito. E as respostas vieram em papel timbrado do Sindicato, com todas as páginas burocráticamente rubricadas. Atitude que se esperava, em se tratando de um líder sindical que há 42 anos comanda os destinos do Sindicato dos Metalúrgicos, sobrevivendo camaleônicamente aos mais diversos tipos de governo que o País teve nesse período.

Eis na íntegra as declarações de Guilherme Perón: "Os metalúrgicos de quase todo o Brasil estão pleiteando a reposição salarial, em torno de 25 a 35%, como compensação para as perdas havidas nos reajustes de 1973. Assim, não apenas os metalúrgicos da Capital, mas de quase todo o Brasil, têm essa reivindicação.

"O Sindicato dos Metalúrgicos de Jundiaí também participa de tal reivindicação, tanto que na data de hoje (quinta-feira, dia 15), ele participa, na Federação dos Metalúrgicos do Estado de São Paulo, de uma reunião com mais de 36 Sindicatos do Interior, onde será debatido o tema, e colocada em votação uma reivindicação em torno de 51%, sendo 34% como reposição das perdas nos reajustes de 1973 – compensação – e 17% como o correspondente à perda do poder aquisitivo dos salários dos metalúrgicos desde o último reajuste. De outro lado, essa reivindicação no sentido de ser reposta a perda de 1973, é feita todos os anos pelo Sindicato dos Metalúrgicos de Jundiaí, através da exposição de motivos dos dissídios coletivos. Aliás, relativamente ao último dissídio, a pretensão dos metalúrgicos de Jundiaí foi em torno de 66%, já considerada a perda do poder aquisitivo do último dissídio e mais parte da perda do reajuste de 1973. Entretanto, como a Justiça do Trabalho é mera aplicadora da lei, apenas concedeu 40%.

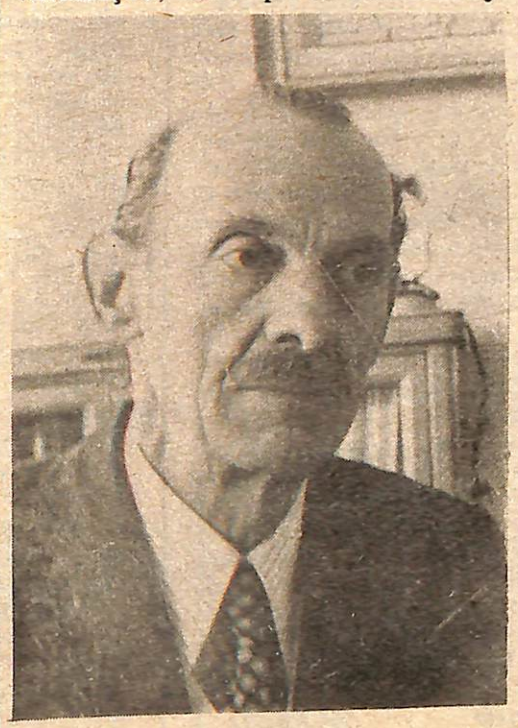
"Nessa ordem de pensamento, a reivindicação da reposição da perda decorrida em 1973 e mais a reposição da desvalorização dos salários do último aumento, é justa".

"O Sindicato de Jundiaí tem autonomia em relação aos demais Sindicatos, isto é, cada um tem a sua autonomia. Por isso, qualquer medida que pudesse ser tomada ou que venha ser tomada para beneficiar a categoria, será de forma autônoma. Tanto que a reivindicação salarial hoje – dia 15.09.77. –, debatida na Federação, em São Paulo, é solução e decisão autônoma do Sindicato de Jundiaí, como foram as decisões e soluções tomadas desde 1973".

"Quanto ao aspecto da greve, cabe esclarecer que ela é regulada por Lei e apenas dentro dos limites da Lei é que poderá ser deflagrada".

"O padrão de vida de qualquer pessoa é diretamente proporcional ao seu ganho. Assim, se melhora o nível salarial de uma pessoa, também será melhorado o seu padrão de vida. Este Sindicato vem se dedicando em aumentar o padrão de vida dos metalúrgicos, tanto que já está, há muito tempo, reivindicando as perdas decorrentes do aumento de 1973, e todo o ano, pleiteia a reposição da desvalorização salarial correspondente ao dissídio coletivo do ano anterior".

"Além disso, isto é, além de procurar oferecer melhores condições salariais aos metalúrgicos, o Sindicato vem incrementando, paulatinamente, as melhorias da qualidade de vida, que através da participação de Cooperativas Habitacionais Intersindicais, quer dando o máximo de assistência médica e odontológica, quer fornecendo meios para o metalúrgico ter oportunidade de lazer, através de construção de colonia de férias ou parque poli esportivo e clube de campo, quer dando, ainda, condições para o trabalhador metalúrgico realizar ou fazer com que seus dependentes realizem cursos de formação normal, através de bolsas de estudo".



Perón: pedidos justos.

Dorta: ainda são poucas as esperanças.

O Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Produtos Alimentares conseguiu um acréscimo de 2% sobre os aumentos salariais autorizados, através de um acordo com as fábricas. No entanto, a Procuradoria Regional do Trabalho recorreu e foram retirados os 2%, concedidos quase espontaneamente.

Depois disso, é possível se ter alguma esperança maior com relação a um trabalho sindical mais eficiente? Para o presidente deste sindicato, Lázaro de Oliveira Dorta, que ocupa este cargo há quinze anos, enquanto perdurar a situação trabalhista vigente não se pode esperar muito.

Dorta disse que o movimento dos metalúrgicos é bastante válido, mas pode estar sendo usado para facilitar as eleições sindicais do ano que vem. É claro que ele apoia as reivindicações, mesmo porque indiretamente seu sindicato está participando, no entanto não acredita que sejam atendidas por causa dos exemplos que já chegou a presenciar.

O direito pleno de greve, para Dorta, deve pertencer aos trabalhadores, que por outro lado devem corresponder para que tudo não saia da legalidade:

– O problema é que, às vezes, 20 ou 30 empregados param de trabalhar sem ao menos consultar o sindicato.

Dorta, que também é vereador, cita o caso ocorrido de funcionários que entraram em greve depois de apenas dois dias no atraso dos salários. Mas este não é o principal problema do sindicato. Muito mais grave é a total falta de poder e autonomia dessas entidades de classe.

– Se vamos reivindicar um restaurante numa firma, por exemplo – disse o presidente –, a gente recebe como resposta um "se o governo autorizar, nós atenderemos".

Este não é o caso da CICA, onde o sindicato tem resolvido amigavelmente cerca de 95% das causas, mas "tem firma que nem atende", assegurou Dorta. Os motivos dessa falta de força, segundo ele, está no fato da grande distância entre os trabalhadores e os empregados.

Mas o fenômeno não é acidental. Muito pelo contrário. Dorta afirmou que os trabalhadores não têm segurança no emprego, existindo alguns inclusive que pagam suas mensalidades ao sindicato pessoalmente, e não através de folha de pagamento, como é determinado pela CLT. Eles fazem isso porque os "patrões não gostam de empregado sindicalizado", causando problemas para eles, que pagam as mensalidades somente por causa dos benefícios.

Assim, os trabalhadores podem ser dispensados sem muitos problemas para as empresas que, inclusive, acabam colocando seus gastos no preço final do produto. A praxe utilizada é a dispensa de determinado número de empregados e a admissão de igual quantidade, sobretudo nos períodos que antecedem os dissídios coletivos.

Dorta falou que atualmente "o empregado é uma ovelha" principalmente porque os sindicatos não têm poder para defender seus interesses totalmente. Ao contrário do que acontece nos Estados Unidos, onde a prática dos contratos coletivos, feitos diretamente com os empregadores, é muito difundida, chegando a abranger cerca de 90% dos trabalhadores.

Segundo ele, o sindicato que preside conseguiu um contrato parecido com a CICA para os motoristas e ajudantes. Eles ganhavam horas extras, por isso não tinham a rapidez necessária para completar o trabalho. Com o novo contrato, passaram a ganhar adicionais sobre a tonelagem e não horas extras, mais as horas normais de serviço. No final, o pagamento mensal e a produção aumentaram.

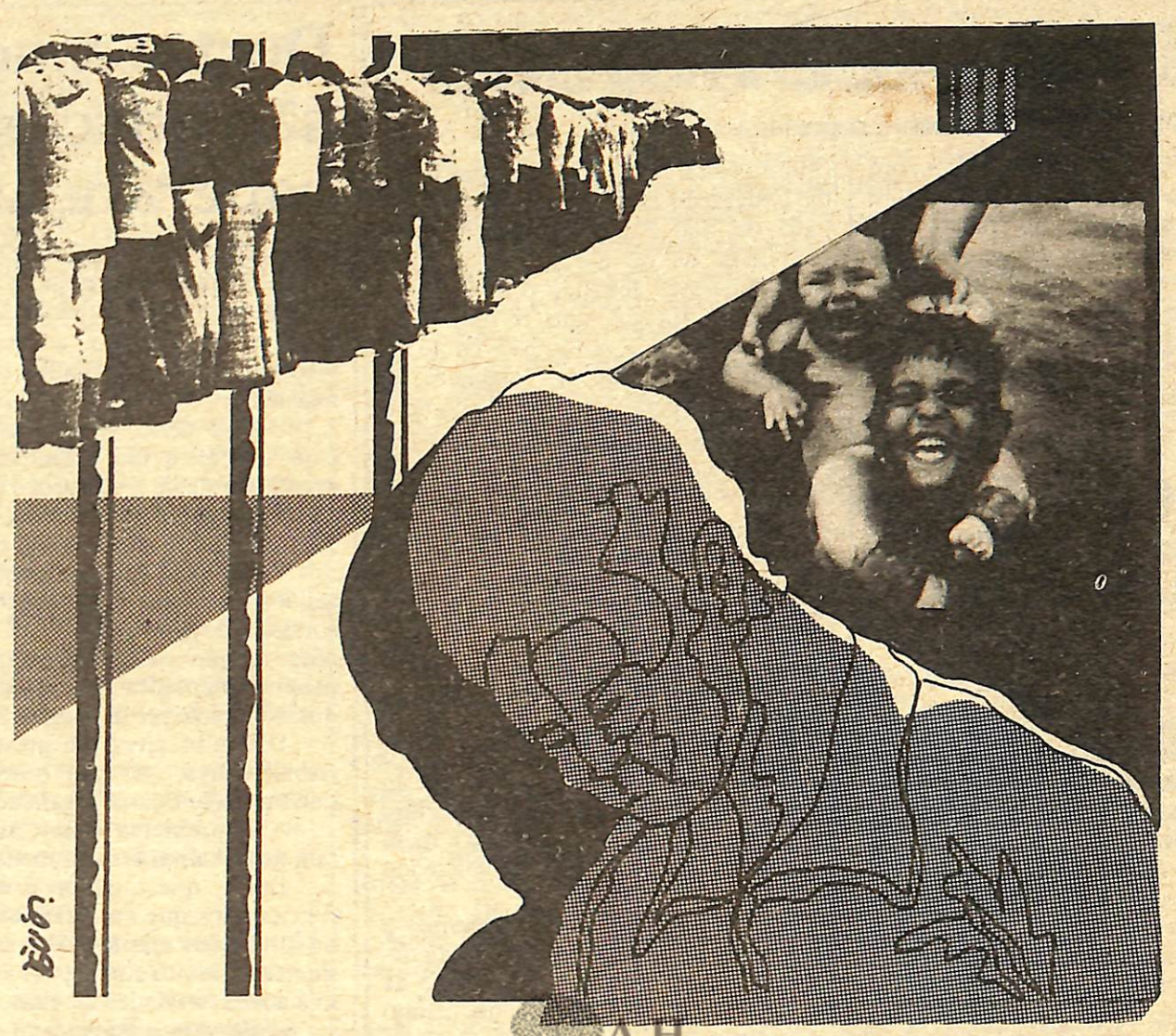
O ideal para o presidente é que os acordos sejam sempre feitos diretamente entre os sindicatos e os patrões. A primeira vantagem é que através da discussão, pode-se chegar a acordos bastante viáveis e se evitar recorrer à Justiça do Trabalho, já saturada por tantos processos.



Lázaro de Oliveira Dorta

VALEY NA CÂMARA DE GÁS

**Conto de Olga Mathion,
2.o lugar no concurso de contos
do Jornal de 2a.**



O presídio de Chicago não é nada parecido com os de outros lugares do mundo. Sete dias antes da morte são afrouxados os regulamentos, sem nenhuma preocupação especial de se fazer cumprir quaisquer desejos ou vontade manifestados pelo condenado durante o período de cárcere. São-lhe oferecidos alguns privilégios que ele aceita ou rejeita, desobrigado que fica, nos últimos sete dias de prisão, de obediência à obrigação dos serviços ligados à conservação de higiene e limpeza do presídio, deveres que antes lhe são impostos.

Ninguém dramatiza a tragédia que vai acontecer no final daquela semana. É justamente nesses dias de espera que o leitor vai observar e acompanhar o condenado Valey.

Era a semana santa.

John Grand Valey foi um dos criminosos internacionalmente conhecido, pelo crime bárbaro que praticou na América do Norte; morreu na câmara de gás da Penitenciária Estadual de Chicago. O crime de Valey foi terrivelmente desumano. Uma monstruosidade: matou a mulher grávida de oito meses e dois de seus filhos menores, numa noite, enquanto dormiam calmamente. Em seguida ao massacre, telefonou friamente à polícia e se entregou. Horrorizou-se com o seu delito, por isso nada fez para livrar-se do castigo que o Código Penal norte-americano lhe impôs, por justiça. Declarou totalmente culpado e recusou apelação.

Matar mulher grávida é caso de homicídio duplo, uma vez que o feto é considerado pelos tribunais como uma pessoa indefesa. No caso em assunto o feto foi atingido no abdomen e estava morto quando foi retirado por cesariana.

Valey foi preso na Louisiana onde permaneceu até o segundo julgamento.

Um grande juri indiciou Valey sob as acusações de agressão e tentativa de assassinato praticados um dia antes com as suas vítimas. O magistrado afirmou que o feto de oito meses poderia ter vivido se tivesse sido retirado da mãe nesse estágio de gravidez. Por outro lado, a morte da mãe e dos dois filhos menores agravou a situação. A condenação foi baseada na lei civil e na lei criminal, com o agravante de que o feto é um ser indefeso e, no caso, a mãe em perspectiva foi criminosamente molestada no seu direito e vontade de ter um filho, que teve morte provocada por crime violento.

Se se enfocar a contínua luta em cujos resultados se empenham médicos, advogados e religiosos da atualidade, vamos encontrar esse grupo atento a estudos para se descobrir quando as vítimas feto se tornam pessoas. O resultado caminha para um ponto que atinge as leis sobre o aborto, matéria que já tem rumos legalizados nos dias contemporâneos.

Durante quarenta e seis meses ocupou a cela n.o 7 da Ponta de Fogo, no presídio de Chicago, exatamente no andar de baixo do da câmara de gás. Eram sete as celas reservadas aos condenados à morte. Na chegada de Valey, cinco estavam ocupadas.

Com a boa vontade do capelão, do carceiro e mais os guardas, pôde-se reconstituir a última semana vivida por Valey, nos pormenores que se seguem:

O café da manhã é servido às 6 horas, sem a companhia de ninguém, como parte dos privilégios concedidos. As outras duas refeições o prisioneiro pode tomá-las em uma mesa no corredor, junto com os outros. É-lhe permitido comer em prato de folha com apenas uma colher e um copo de alumínio.

O guarda n.o 13 se lembra:

– As conversas que mantive com Valey foram normais até o fim. Nenhum de nós falou a respeito do que ia acontecer. Uma coisa eu notava é que Valey não conversava como antes. E não era para menos! Ele estava bem certo de sua situação, pois não faltava muito para subir ao andar superior.

Valey não soube que no domingo anterior haviam testado a câmara. Explicou um dos funcionários do presídio:

– As execuções não são frequentes aqui e, por isso, quando vai haver uma, é preciso testar na presença de todos as operações, inclusive a introdução das cápsulas de cianureto no interior da câmara, para a produção de vapores venenosos.

Daquela vez o teste foi feito com um cabrito.

Na segunda-feira santa, 12 de março, estava programado o serviço religioso na capela. Por regulamento, os reclusos da Ponta de Fogo não o assistem, nem na semana santa. Recebem a visita do padre na própria cela. Mas Valey insistia tanto para participar da missa, que as autoridades lhe concederam isso nos últimos três meses de vida.

O capelão franciscano Joseph Morgan se lembra da última visita à capela:

– Valey pôs-se na fila para se confessar, calmo e cheio de devoção como todos os outros. Fez, pela última vez, sua profissão pública de fé. Valey foi o 7.o criminoso que eu acompanhei à morte. Para os condenados tenho atenções especiais. Na semana santa que foi a sua última semana de vida, visitei-o três vezes por dia. Sentava-me ao lado de Valey, enquanto ele rezava todas as orações que sabia. Duas vezes, durante aquela semana, disse-me que estava arrependido do que havia feito e aceitava com resignação a morte. Acrescentou que não queria clemência, sem nunca haver revelado o motivo que o levou a tremendo desatino.

Por vezes mostrava-se um homem tirânico, obstinado e de cabeça dura. As mais das vezes sabia ser amável. Queria o perdão, confessou isso. A família o concedeu.

Foi permitido um lanche com os familiares. Então, na segunda-feira santa, Valey lanchou com eles na sala de visitas da prisão. Era mais ou menos umas nove pessoas. Entre elas o filho de dezessete anos e as duas filhas gêmeas de 12, todos os três presentes na casa quando se deu o bárbaro massacre daquela terrível noite. O filho mais velho de 23 anos estava ausente naquela ocasião e no dia do lanche também. Os outros membros da família presentes ao lanche eram primos e tios por afinidade. Todos foram acompanhados por Peter Gross, o guarda N.o 11 que Valey sempre respeitou.

Peter Gross recorda:

– Foi um ótimo lanche: chocolate com bolinho de milho, torta de maçã à francesa e sanduiches de queijo e presunto com molho de mostarda. A refeição durou das 15 às 17 horas, quase em silêncio. Os familiares insistiam com Valey para que pedisse uma prorrogação da sentença. Ele foi irredutível, dizendo que chegou a sua hora e que estava pronto para morrer. Não queria que nenhum dos familiares assistisse à sua morte, nem que pedisse o cadáver para dar-lhe sepultura no jazido da família.

Chegou a terça-feira santa, 13 de março. Depois da excitação e da comoção do lanche do dia anterior, veio a normalidade e com ela a depressão da terça-feira. Os outros cinco da Penitenciária, da parte da Ponta de Fogo, preferiam dormir durante o dia para ficarem acordados durante a noite.

Valey ocupou-se com seu trabalho predileto: Fazia molduras para quadrinhos com o estanho dos pacotes de cigarros. Não fumava, mas seus companheiros davam-lhe o papel estanho. Com essas mulduras tinha na parede fotografias dos dois filhos que matara; nenhuma da esposa, nem dos outros dois filhos. Deu aos familiares, na última visita que lhe fizeram, algumas molduras como recordação.

Um dos condenados, o da cela n.o 4, preso como ele na Ponta de Fogo, partia naquela terça-feira santa para Camden na Nova Jersey, onde a Corte de Apelação havia reaberto o processo para reestudar o seu caso.

Valey não o invejou. Estava certo de que não veria mais esse companheiro, então deu-lhe de presente algumas peças de suas roupas e lhe restituiu a pulseira de couro cru com que mantinha sempre apertado o pulso. Essa pulseira foi-lhe oferecida oito meses antes pelo companheiro que agora partia para a Nova Jersey. Depois Valey continuou tranquilamente a trabalhar nas molduras, quase absorvido.

Uma coisa, declarou o prisioneiro da cela n.o 3, recordo mais que tudo:

– Valey tinha obsessão pela limpeza. Continuou sendo sempre o varredor do pavimento e raro era o dia em que não se queixava da asma, por causa do pó.

Na quarta-feira santa, dia 14 de março, era dia de lavar roupa. Da mesma forma como os outros condenados, Valey se despiu completamente, enquanto um dos guardas contava as peças para lavar. Depois que trocou de roupa, escreveu algumas cartas e se absorveu na leitura de um livro intitulado "CORAGEM" de autor desconhecido, que lhe dera o filho na tarde do lanche com os familiares. Naquele dia os médicos fizeram o último exame psiquiátrico e concluíram, como todas as vezes, que Valey estava normal. Na hora do almoço comeu muito pouco e durante o dia quis visitar o vice-chefe da Penitenciária, Richard Max, para demonstrar-lhe gratidão pela permissão do lanche com a família. Apelou pelo futuro do filho, bem como das filhas gêmeas, que iam ficar no mundo. Acrescentou que não queria falar com repórteres de jornais e que também se recusava a dar qualquer entrevista. Voltou para a cela. Quando chegava, o barbeiro da prisão, um dos prisioneiros, o esperava com os apetrechos: raspou-lhe completamente a cabeça para evitar que o cianureto se fixasse entre as manchas de cabelo e que viesse a por em perigo os guardas que fossem remover o cadáver.

A quinta-feira santa, 15 de março, guardava uma surpresa para o condenado: o filho mais velho com a noiva. O encontro foi na sala de visitas. Houve emoção e tristeza. O moço sabia o dia da morte do pai, mas este apenas sentia a expectativa de um pressentimento. A visita foi curtíssima e dolorosa para pai e filho. De volta à cela n.o 7, Valey parecia calmo, sem nenhum rancor.

O condenado da cela n.o 1 relata:

– Valey continuava a dizer que não queria absolutamente a suspensão ou anulação da sentença. Nós os companheiros sabíamos que sua morte ia ser no domingo da ressurreição à noite, mas não lhe falamos nada sobre isso. Os condenados da Ponta de Fogo são pessoas que se mostram diferentes das outras. Não podemos nos convencer de que um dia nos levarão ao andar de cima, dizemos isso sempre.

Enfim, a sexta-feira santa, 16 de março, apresentou-se angustiante.

Valey faz a última visita fora da cela. Vai com o carcereiro telefonar ao seu irmão que está em City Dalas. Cumprimentou-o apenas e quis saber as notícias. Retorna à cela, vazia e fria mais do que nunca: nem fotografias na parede, nem roupas brancas. Dera tudo. Ao prisioneiro da cela n.o 2 dá o relógio de pulso, que recebera treze meses atrás de um condenado que se dirigia à câmara de gás. Escreveu algumas cartas. O Padre Charles Anderson visitava-o sempre. Naquela sexta-feira santa puderam fazer juntos as orações de costume. Recorda o oficial do dia que Valey dormiu perfeitamente

Continua na página seguinte

VALEY NA CÂMARA DE GÁS

(Conclusão)

bem na noite de sexta para sábado:

– Acordei-o às 6 horas e 30 minutos e lhe disse: Bom dia, Valey.

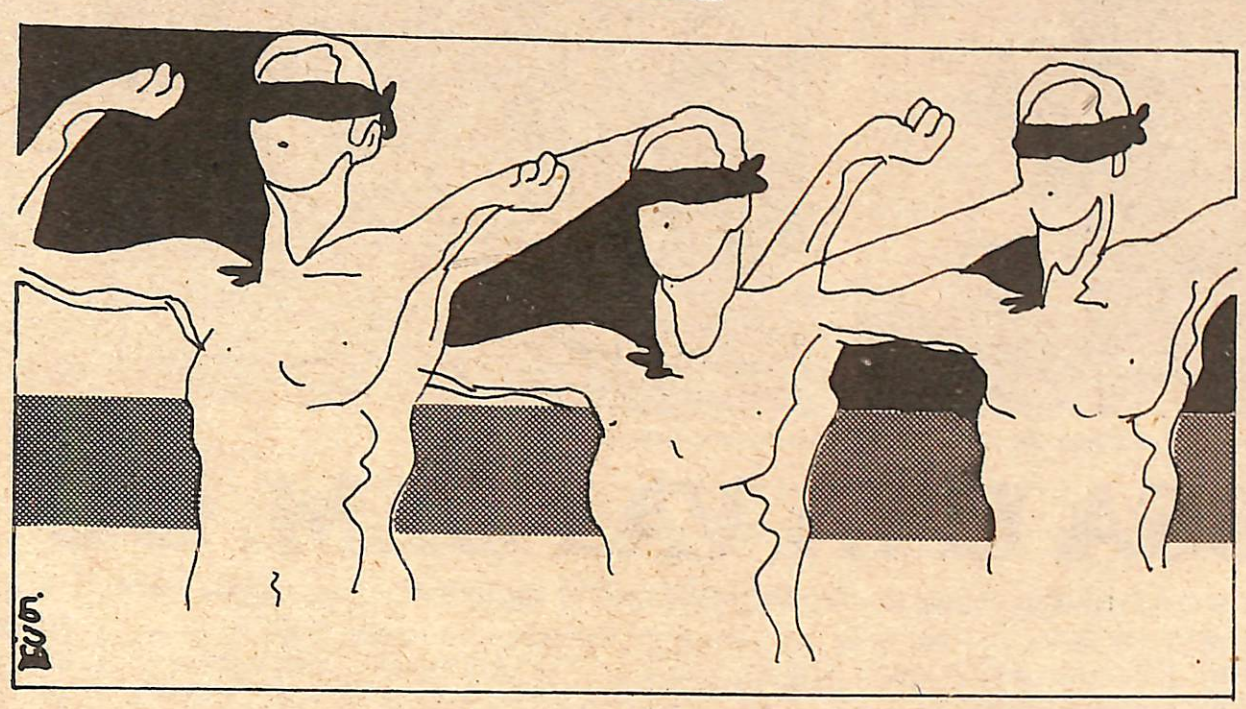
– Bom dia, senhor, respondeu. Creio que não mais o verei, por isso digo-lhe adeus.

– Não tive palavras para responder. Não podia desejar felicidade para um homem que tinha apenas poucas horas de vida! Fiquei satisfeito de não tê-lo visto quando o levaram para a morte.

O sábado chegou brumoso e sem alternativa. Dia 17 de março. O preso da cela n.o 5 comemorava o seu aniversário. Entre todos, os da Ponta de Fogo e os mais que foram abraçá-lo, estava Valey que lhe ofereceu um presente de doze cigarros. Tomou a refeição da manhã e almoçou bem pouco. Os companheiros de Valey afirmaram que ele não jantou no sábado, contentando-se apenas com um cafezinho.

No cárcere a tensão era insuportável, e aumentava de minuto a minuto, não obstante se procurasse aparentar a calma costumeira. Valey apresentava preocupação. Sua maneira habitual mudou para movimentos calculados, pelos quais esvaziava o nervosismo. Tentou varrer o corredor do pavimento e não pode terminar. Voltou para a cela n.o 7 como um autômato. Segurava o livro "CORAGEM" sem ler. Talvez pensasse nos filhos que o visitaram! Talvez memorizasse a mulher grávida, o filho que ia nascer e os dois menores mortos naquela terrível noite que ficou lá atrás! Nenhuma queixa escapou-lhe dos lábios. Recusou as refeições. Serviu-se apenas do café. Ninguém dormiu na noite de sábado para domingo. Às nove e meia da manhã, o silêncio na Ponta de Fogo era comovedor. O padre Charles Anderson foi a primeira visita que Valey recebeu no domingo da ressurreição, dia 18 de março. Foi-lhe administrar, na cela n.o 7, os últimos sacramentos. Passou com ele várias horas. À tarde o capelão Joseph Morgan voltou para a última visita. Valey pediu que ficasse com ele o guarda n.o 11, Peter Gross. Embora contra a vontade, Peter Gross esteve ao seu lado ininterruptamente da manhã à noite.

A porta do cárcere foi deixada aberta. Valey podia ficar dentro ou passear pelo corredor. Antes das 17 horas ele foi de cela em cela dar adeus aos companheiros. A cela n.o 6 sempre esteve vazia. A n.o 4 ainda estava impregnada da saudade do preso que partiu para Nova Jersey. Um dos companheiros que deveria seguí-lo muito breve à câmara de gás deu-



lhe a notícia de que a data da própria execução fora transferida. Valey lhe deu os parabéns.

Chegou a noite do domingo da ressurreição.

Peter Gross conta:

– Às 18 horas no corredor da terrível Ponta de Fogo desce um silêncio também terrível. Ninguém sabe o que dizer e todos compreendem que as coisas se precipitam. Jeferson, o Chefe dos Guardas, depois de ter passado a tarde em serviço vai à sua casa para jantar, deixando ordem para ser chamado imediatamente caso chegue alguma mensagem da Secretaria do Governador. Mas não chega nada do Palácio. Toda esperança desaparece.

– Às 18 horas e 45 minutos Jeferson volta. Era seu dever cumprir o Decreto da Condenação. Apesar de pessoalmente ser contra à sentença de morte, decidiu puxar ele mesmo a alavanca que fará cair as pastilhas de cianureto. Pensou:

– Seria trair meu dever se não o fizesse.

O guarda n.o 13 recorda que a noite da execução foi mais infeliz. Choveu a cântaros, com relâmpagos fortes e trovões. Na entrada da Penitenciária grupos de pessoas que seguem as notícias dos tribunais protestavam contra a pena capital.

Era público e notório que Valey morreria na câmara de gás na noite do domingo da ressurreição.

Tão logo chegou à sua sala, Jeferson chama ao telefone Richard Max para sincronizar os respectivos relógios. O guarda n.o 13 já se encontra na Câmara de gás, para verificar se está em ordem. São 18 horas e 52 minutos.

Jeferson vai à cela de Valey. Encontra-se sentado conversando com o padre Charles Anderson. O condenado levanta-se para cumprimentar o Chefe dos Guardas põe-lhe a mão no ombro e diz:

– Mister Valey (é a primeira vez que ouve chamá-lo de Mister, na prisão), devo ler o Decreto da condenação firmado pelo Estado de Chicago. Depois da leitura Jeferson acrescenta:

– Adeus e que Deus o abençoe.

Enquanto isso, à Câmara de gás chegam, antes de Valey, e sem ele saber, várias pessoas: os funcionários, assessores do tremendo dever, as testemunhas exigidas pela Lei e 13 repórteres. Todos esses assistirão à trágica morte através de uma janelinha atrás da cela mortuária. A poucos passos verão as exalações, as contorsões do condenado, a sua morte registrada, segundo por segundo, por um eletrocardiógrafo.

A marcha para a cela da morte obedece a uma formalidade: é precedida pela guardião, depois o condenado e por fim o capelão. Valey veste o costumado calção azulado, camisa cinza e sapatos de pano sem meias.

Passando diante das celas dos outros, Valey cumprimentou cada um.

– Fique tranquilo, disse ao amigo da cela n.o 3. – Boa sorte, para o n.o 2, que obteve a prorrogação da sentança. Ao n.o 1, que está assistindo televisão, falou:

– Desejo-lhe toda sorte de, bem ou de bens.

Mais tarde este falou:

– Respondi-lhe, adeus e felicidade, mas sempre com o olhar voltado para a TV. Não podia fazer de outra maneira! Depois que Valey desapareceu dos meus olhos, senti como se eu tivesse perdido parte de mim mesmo.

Valey e aqueles que acompanham sobem a rampa que leva ao andar superior. Caminha tão depressa que várias vezes bate em Jeferson que vai adiante e lhe recomenda andar mais devagar.

Às 19 horas a procissão pára na cela preparatória, isto é, na ante-câmara da câmara de gás. Valey recebe ordens de tirar a roupa para vestir apenas calças brancas e um par de pantufas novas. Assim vestido Valey se volta para Jeferson e lhe diz:

– Obrigado pela sua gentileza. Desagrada-me ter-lhe aborrecido obrigando-o a comandar, pela primeira vez, uma pena capital.

Dois médicos jovens ainda, Marcel Davis e Cristian Bil, entraram na cela, aplicam nos braços e pernas do condenado, os elétrodos para o cardiograma, depois de lhe terem feito massagem com uma espécie de unguento branco.

Valey naqueles minutos extremos tem coragem ainda para brincar:

– Diga-me, doutor, aquele maldito gás será nocivo à minha asma?

O doutor Cristian Bil responde com voz comovida:

– Não muito!

Jeferson olha seu relógio:

– Pronto. Valey se levanta. Sozinho entra na grande sala da execução no meio da qual, com portas ainda abertas, vê-se luzidia a verdadeira e própria câmara de gás.

Todos os presentes olham fixos para Valey. Ele não olha ninguém. Vai, sem vacilar, pára em direção da cadeira de metal. Dois guardas vendam-lhe os olhos e o prendem à cadeira com cinto de couro na altura do peito e das pernas. Padre Charles Anderson enrola um terço no seu pulso. Jeferson e Richard entram na câmara para o último adeus. Depois entra padre Charles Anderson, coloca a mão direita no ombro esquerdo de Valey e ministra-lhe uma benção especial com a mão esquerda, sem nada falar. O último a falar com o condenado foi o capelão Joseph Morgan.

– John Grand Valey, você está pronto?

– Sim, capelão Joseph Morgan, respondeu Valey.

O capelão sái, toma lugar entre os outros, e reza recolhido, as orações dos agonizantes.

Às 19 horas e 30 minutos a porta da câmara de gás é fechada hermeticamente.

Às 19 horas e 32 minutos Jeferson dá um suspiro profundo, mexe-se e movimenta a alavanca que faz cair no interior da câmara de ácido as pílulas de cianureto. A operação produz um enorme rumor e muitos dos presentes inconscientemente apresentaram uma fisionomia de terror.

Precisamente às 19 horas e 34 minutos o doutor Marcel Davis observa a presença de vapores de gás e sobre um bloquinho de papel branco anota:

19 h e 30 min. prisioneiro inconsciente;

19 h e 50 min. parada do coração;

19 h e 50 minu. declarado morto.

Disse depois ao carceireiro:

– Basta, acabou.

Todos saem, com exceção dos seis funcionários encarregados de abrir a câmara e remover o cadáver.

A remoção aconteceu somente às 20 h. e 28 minutos, quando os últimos sinais de gás desapareceram através da válvula de escape.

O corpo de Valey, colocado numa cadeirinha de rodas, passa com um rumor de solavancos inconfundíveis, através do corredor da Ponta de Fogo.

Os condenados conhecem bem aquele ruído e viram as costas quando pressentem a sua passagem.

Em seu escritório, no domingo da ressurreição, o Chefe da Guarda noturna tira do elenco dos encarcerados um nome.

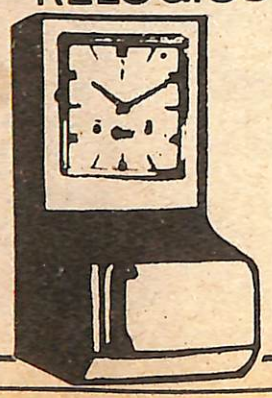
Desejamos que seja o último eliminado barbaramente pela justiça dos homens.

A capa do livrinho estava rasgada. Na penúltima folha podia se ler duas iniciais S. C. atribuídas ao escritor.

Dizem que ele guardava um repertório de casos-documentários no arquivo da memória. . .

Pirâmide

Instrumentos e Materiais Técnicos: Topografia e Desenho.
Linhas e Lãs
Rua Rangel Pestana, 574
Fone, 434.8344 – Jundiaí

RELÓGIOS DE PONTO ROD-BEL

REVENDEDOR AUTORIZADO
COMERCIAL PANIZZA LTDA.
Rua Prudente de Moraes, 1.398
Fones, 436.6413 – 436.6684

Auto Peças Franco Ltda.

ESPECIALIZADA EM PEÇAS PARA
VOLKS - DKW - OPALA E CHEVETTE
Av. Itatiba, 224 – Fones: 434.0964 e 434.9226 – Jundiaí





Os pés de uva de Irineu Clini vão produzir, segundo ele, 50% a menos que no ano passado.

A NOSSA UVA VAI BEM. OU NÃO?

Como será a produção de uva em Jundiaí neste ano? O agrônomo e o agricultor falam. E discordam.

O velho Rafael de Oliveira, quando morreu, não poderia imaginar que em seu espólio, datado de 1648, constaria a primeira notícia a respeito do cultivo de uva em Jundiaí. Hoje, a cidade é a primeira produtora de uva de mesa do Brasil, com um mercado que se estende ao Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife e Salvador.

Entre esses dois fatos ocorreram grandes mudanças na agricultura local, mesmo porque a viticultura só foi se instalar economicamente na década de trinta. Apesar disso, já estava sendo explorada desde 1887, no Núcleo Colonial "Barão de Jundiaí", que tinha recebido 24 imigrantes italianos.

A partir da diversificação da cultura, que ocorreu nas primeiras duas décadas deste século, a uva começou a se tornar importante. A estrutura agrária, modificada pela divisão das fazendas em pequenos sítios onde os antigos colonos italianos ficaram donos da terra e, com a técnica da viticultura de que eram portadores, começou uma intensificação do cultivo da uva.

Segundo o agrônomo da Casa da Agricultura, Fortunado Garcia Braga, neste ano os oito milhões de pés de uva existentes no município (são 25 milhões na região) deverão produzir dois milhões de caixas de oito quilos. Além disso, haverá a vantagem da safra começar mais cedo: sua previsão para o início da colheita é na segunda quinzena de novembro.

Mas este não é o caso de Irineu Clini, proprietário de uma pequena chácara no bairro dos Medeiros. Depois de ser administrador de uma fazenda por 32 anos, comprou há oito anos a sua chácara. Nos oito mil metros quadrados de sua propriedade, tem 600 pés de uva.

– A seca prejudicou um pouco – queixou-se Irineu –, por isso acho que a produção vai ser a metade do ano passado.

Ele cultiva uva Soraya, Itália, Isabel, 138, Quioro e Niágara em latada ou pérgula, o que garante um alto rendimento por pé. Na região, Irineu é o único agricultor a se utilizar deste método:

– Eu vi numa revista italiana. Então, resolvi fazer assim. Com os galhos no alto, dá para ver embaixo das folhas, que é onde aparecem as doenças.

Caminhando por baixo das parreiras em flor, ele mostrou alguns pés que deram uvas premiadas e outros que chegaram a produzir no ano passado, 80 quilos por pé. Neste ano, Irineu disse que será de apenas 30 quilos, por causa da estiagem:

– Se tivesse chovido 20 dias antes, a uva iria adiantar um mês. Neste ano vai ser pouca a uva fina.

A preocupação maior dele, no entanto, é com o fato da diminuição do poder aquisitivo das camadas mais baixas da população, "a maior parte dos compradores é pobre", afirmou ele. Nem por isso Irineu está desanimado. Nesses oito anos em que trabalha sua própria terra, construiu uma casa e há alguns dias trocou de carro. Ano passado, chegou a vender a caixa por . . . . . Cr$ 180,00.

Na pequena chácara, agora ampliada com uma gleba vizinha de cinco mil metros quadrados, "só para embelezar", explicou, ele recebe a ajuda da mulher e da filha. O filho, formado técnico agrícola, trabalha fora. Quando precisa de mais mão de obra, contrata algumas moças das redondezas.

Usando sua terra de maneira bastante racional, Irineu pode se dar ao luxo de presentear os amigos com caixas de uva e com vinagre que às vezes faz. Sua participação em concursos já está encerrada, atitude provocada por algumas injustiças nos julgamentos:

– Quando recebi os prêmios, vi uvas bem melhores que tinham ficado em terceiro lugar. Só porque a gente é conhecido do juiz, acaba sendo premiado. Agora não, prefiro mandar as uvas para a Vila dos Pobres.

O agrônomo Fortunato não concorda com Irineu sobre uma baixa produção por causa da falta de chuva. Além de afirmar que a colheita começará em meados de novembro, falou que a safra vai se estender até fevereiro, com um maior volume do fruto em janeiro, época em que o mercado fica saturado, provocando baixa no preço.



Fortunato: otimista.

De uma maneira geral, cada pé de uva no município deverá produzir dois quilos. Essa quantidade, suficiente para colocar Jundiaí na frente de todas as cidades produtoras, não é uma graça que caiu dos céus e nem uma dádiva da natureza. É certo que as condições geográficas ajudam, mas não são os fatores principais.

Fortunato explicou o uso de calcionamida, um produto importado do Japão que faz com que a uva adiante sua formação:

– O princípio ativo da calcionamida é o Ca (CN) 2, que atua sobre a gema da uva, estimulando e quebrando a dormência. Esse produto está sendo usado desde 1972, quando foram feitos uns testes, inclusive para determinar a dosagem. Hoje, seu uso se difundiu, com cerca de 80% dos agricultores que o utilizam.

– No Japão – contou Fortunato – a calcionamida é usada até como adubo. Mas a importação do produto torna esse uso proibitivo, porque fica caro. Então, com uma solução em água de 20% do produto, nós estamos pulverizando sobre os pés de uva, mas seria melhor pincelar sobre a gema.

Uma grande vantagem do uso da calcionamida é que se pode fazer a colheita durante todo o período da safra com as uvas no ponto para serem consumidas. Isto se o agricultor faz a aplicação também parceladamente.

Fortunato sugere para os viticultores que trabalham com uvas finas, especialmente aqueles que tem plantações pequenas, duas fórmulas para pulverização: 1a.) Fungitox, 15 gramas; Kumulus, 10 gramas; Adubo Foliar, 20 gramas; água, 20 litros. 2a.) Captan ou Orthocide, 15 gramas; Diptirex, 10 gramas; água, 20 litros. As duas fórmulas devem ser aplicadas alternadamente. Na época da maturação, usar apenas a segunda. A Diptirex deve ser cortado 10 dias antes do início da colheita. Segundo ele, a qualidade das frutas vai melhorar muito.



Irineu: menos 50%

Para a viticultura, segundo Fortunato, é muito importante se ter conhecimento das técnicas que podem ser empregadas. O solo não é fator relevante na produção, pois ele tem que ser necessariamente preparado com adubos orgânicos e fósforo. O que pode caracterizar uma região como propícia ou não é o clima. E Jundiaí o tem.

– Aqui no município, o inverno geralmente é rigoroso e seco. Onde existe muita umidade no ar, a incidência de doenças é muito mais alta. O índice pluviométrico dessa região é mais baixo do que em São Paulo ou Campinas. Com essas condições boas, mais a mão de obra especializada que existe, a qualidade da uva é muito boa. Com sabor e aspecto agradáveis.

E para onde vai toda essa uva que Jundiaí produz? Além de ser levada ao CEAGESP, caminhões transportam o produto para o Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife e Salvador, num trabalho iniciado há alguns anos por Hilario Caniato. Hoje, os produtores estão muito bem organizados, com frotas de veículos para levar a uva aos consumidores.

Esta é uma situação bastante diferente de quando Fortunato chegou a Jundiaí, em 1967. Ele ia, na época, ao CEASA para ver milhares de caixas encalhadas. Hoje, segundo ele, existe um aumento anual no consumo da ordem de 10%, porque "o pessoal começou a descobrir que as frutas não são apenas sobremesa, são alimentos", disse o agrônomo.

E, aparentemente, não existem rivais para a uva de mesa de Jundiaí e as cidades desta região. Na verdade, o clima do Rio Grande do Sul é o ideal, mas a produção está voltada unicamente para a uva de vinho, que não exige tantos cuidados quanto à aparência.

Diante disso, Fortunato acredita muito nas possibilidades da uva de Jundiaí. Tanto que afirmou que Irineu Clini, assim que começar a ver a sua produção, "vai se animar mais". O simpático agricultor, no entanto, não se deixa convencer: "ele precisa vir aqui para ver. A produção vai diminuir. Eu até andei contando os cachos".

PAULISTA: NOVO TÉCNICO. NOVA VIDA?

OS JOGOS ABERTOS

A VOLTA, DE MÃOS VAZIAS

Mais um ano e mais uma participação de Jundiaí nos Jogos Abertos do Interior, sem que a torcida jundiaiense visse a cor de pelo menos uma medalha de bronze. Há alguns anos atrás, quando Jundiaí voltava de mãos vazias dos Jogos Regionais e do Interior, os dirigentes davam sempre as mesmas desculpas: "falta apoio das indústrias, dos clubes. Falta apoio".

Este ano, apesar de que nenhuma equipe tenha chegado às finais, os dirigentes não se mostram preocupados, tentando arrumar desculpas. Luís Geraldo Basile Lacerda, coordenador do DEFERT – Departamento de Educação Física, Esportes, Recreação e Turismo – e também chefe da delegação de Jundiaí aos Jogos Abertos realizados recentemente em São José dos Campos, afirmou que "já esperavamos o que aconteceu. Os nossos jogadores são jovens, têm muito o que aprender e não tínhamos chances. Fomos para sentir o clima dos jogos e adquirir experiência.

AS EXPLICAÇÕES

Todas as equipes de Jundiaí foram desclassificadas dos Jogos Abertos do Interior, com exceção do tênis de campo – o feminino ficou em 5.o lugar e o masculino em 6.o – e o voleibol masculino, que conseguiu um sétimo lugar.

Esses resultados poderiam representar um grande desestímulo aos atletas e dirigentes de Jundiaí. Mas isso não está acontecendo. Luís Geraldo explicou que algumas equipes, como o volei masculino, somente não chegaram as finais por falta de sorte. "Numa partida infeliz", disse Luís Geraldo, "perdemos para São Bernardo por 2x1. Se a gente tivesse ganho, disputaríamos o título com Santo André, que era o grande favorito".

As explicações não param aí: "além de técnica, para se chegar às finais dos Jogos Abertos há necessidade de se cair numa chave boa, ou seja, não pegar logo de cara uma equipe forte, tida como favorita".

Luís Geraldo, ajudado por outros dirigentes do DEFERT que participaram dos Jogos, contou que no sorteio do basquete masculino, São José dos Campos teve que jogar contra a fortíssima equipe de Franca, formada por nada menos que três jogadores da seleção brasileira. O desespero foi tanto que os dirigentes de São José dos Campos queriam anular o sorteio, na tentativa de passagem para outra chave e terem alguma chance de vitória.

O XADREZ

Quando fala "dos meninos do xadrez", Luís Geraldo não esconde a sua satisfação. "Apesar de Jundiaí ter caído numa chave forte, foi a única equipe a conseguir um ponto e meio contra a fortíssima equipe de Pirassununga, tradicional vencedora dos torneios de xadrez dos Jogos Abertos, e que tem na sua equipe enxadristas já na categoria de mestres.

Mas Luís Geraldo diz que não foi somente o xadrez que o deixou entusiasmado. De um modo geral, os atletas de Jundiaí se portaram muito bem. "Teve até gente que me disse que os meninos do volei, pela estatura que têm, logo vão dar muitas alegrias".

A grande dificuldade de Jundiaí nos Jogos, segundo os dirigentes, foi a inexperiência de muita gente. Jundiaí participou praticamente com equipes juvenis, enfrentando times de categoria principal. Para Luís Geraldo, até um certo nível dá para suportar essa superioridade técnica do adversário, mas depois não se pode exigir mais dos garotos. Para se ter uma idéia de como as equipes de Jundiaí são jovens, o time de basquete feminino tem em média 17 anos.

Exatamente isso deixa os dirigentes contentes, ao ponto de até se arriscarem a fazer promessas: com essa garotada boa em todas as nossas equipes, vamos participar dos próximos Jogos Regionais para ganhar.

Em termos de Jogos Abertos do Interior, onde os índices técnicos são bem superiores aos Regionais, Luís Geraldo não quer adiantar nada ainda "temos muito o que aprender e adquirir mais experiência. E essa experiência somente se consegue treinando muito e jogando. O que falta para as nossas equipes atualmente é continuidade de jogos".

Jundiaí tem mais um ano para preparar seus atletas para os próximos Jogos Abertos e Regionais. Nos Jogos Regionais do ano que vem, os dirigentes têm esperanças de que Jundiaí faça uma boa figura. E as maiores esperanças estão depositadas no xadrez, tênis de campo, basquete, voleibol e algumas modalidades do atletismo. E natação?

– Quando à natação, ainda é cedo para Jundiaí colher os frutos da preparação que está realizando – disse Luís Geraldo – porque estamos nos dedicando na preparação de nadadores que atualmente estão com idade média de sete anos.

Para os dirigentes, pode parecer que estão novamente afirmando que "no ano que vem dá prá ganhar" mas sempre Jundiaí acaba voltando dos Jogos de mãos abanando. Uma coisa Luís Geraldo gosta de deixar bem clara: "não se trata de promessas, mas apenas de uma grande confiança num trabalho de base que estamos fazendo atualmente". (S.H.)



Luís Geraldo: vamos aprendendo.

No basquete, a esperança que pouco durou.

A equipe de basquete feminino do colégio Divino Salvador, que representou a cidade nos últimos Jogos Abertos do Interior, levou na bagagem a esperança de trazer para Jundiaí pelo menos uma medalha.

Mas a esperança durou pouco: as meninas não conseguiram chegar às finais. Foram desclassificadas pela equipe de Santo André. Para a jogadora Lúcia Helena Scarpeli, a explicação pela derrota restringe-se basicamente à inexperiência da equipe, formada por meninas com média de 17 anos.

– Nós perdemos porque no finzinho do jogo não soubemos aproveitar o nervosismo das jogadoras de Santo André, quase todas da seleção brasileira, como a Nilza, Laís, Walquiria, Irilza e a Tereza.

A grande chance de vitória aconteceu quando faltava apenas um minuto para o fim da partida. Depois de estar perdendo por uma diferença de 20 pontos, as jundiaienses empataram a partida. Então começou o que se poderia chamar de autêntica apelação por parte das jogadoras de Santo André. Segundo Lúcia Helena, talvez o desespero de perderem para uma equipe tão jovem fez com que as jogadoras de Santo André não poupassem os palavrões, as cotoveladas e os pontapés desferidos contra as meninas do Divino Salvador.

O padre Olivo Binoto, não conteve a sua indignação e reclamou muito dos juízes da partida, mas eles não se esforçaram muito em reprimir o massacre.

Com um minuto para terminar a partida e pressionada pela brutalidade das moças de Santo André, Jundiaí acabou sendo derrotada.

Mas a derrota não desanimou as jogadoras do Divino Salvador. Para Lúcia Helena, "o negócio agora é partir para outra. Isso já passou e até que foi bom: conseguimos mais experiência e na próxima partida contra o pessoal de Santo André pode ter certeza que não vamos incorrer nos mesmos erros".



O Paulista está de técnico novo. No último dia 5, o presidente Wanderley Pires, sem estardalhaço, contratou Roberto Bonora, que acompanhou o time nos três últimos amistosos e no começo da semana passada assumiu definitivamente o cargo. Na última quarta-feira ele treinou taticamente o time. Antes, porém, reuniu os jogadores e, com muita humildade, pediu a colaboração de todos. Os jogadores, por sua vez, já o puseram a par de um sério problema: há dois meses os salários estão atrasados e eles esperam que Roberto interceda junto à diretoria para que o pagamento seja feito.

Talvez por esse motivo, o coletivo da quarta-feira não foi muito movimentado, apesar dos titulares terem vencido os reservas por cinco a dois. Baixinho, cabelos brancos, Roberto explicou que a sua experiência no futebol vem desde que se conhece por gente.

Nascido em Santo André, o novo técnico sempre trabalhou com amadores, e foi campeão de dois Jogos Abertos do Interior. Mas essa experiência seria suficiente para Roberto comandar um time de profissionais como o Paulista? "Acho que sim. Eu fui técnico do Santo André em 1975, consegui levar o time ao título e somente não subimos para a Divisão Especial porque naquele ano não houve acesso".

JÁ CONHECE O TIME

Depois de ter acompanhado o time nos três últimos jogos, contra o Guaíra, Barretos e Londrina, Roberto Bonora diz que se acha em condições de dirigí-lo. Na sua opinião o Paulista é um dos melhores quadros de futebol do Interior do Estado. "O time tem craques, padrão de jogo e grandes chances de fazer uma boa campanha no Torneio Incentivo, que começará brevemente".

Depois de ver o time jogar, Roberto afirma que já sentiu oitenta por cento do que o Paulista pode produzir. Sem querer citar nomes de jogadores, salientou que não sabe explicar como o time fez uma campanha tão irregular no segundo turno do campeonato, já que possui material humano muito bom. "Pelo que vi e ouvi dizer do time, acho que a campanha deveria ter sido bem melhor".

Apesar de não contar com jogadores importantes, como o goleiro Edson, Brinda e Bosco, que estão na Seleção Paulista de Novos e mais Lula e Marco, contundidos, Roberto acredita que com os jogadores que o Paulista tem será possível fazer boa campanha no Incentivo.

– Eu me entendi com a diretoria é mais prá frente, se eu achar interessante, vou pedir reforços para algumas posições. Mas com o pessoal disponível no momento, mais o centro avante Waldomiro, que alugou seu passe por um ano ao clube, e com a volta dos jogadores que estão na seleção de Novos, dá para tocar até com certa facilidade.

O contrato de Roberto Bonora vai até janeiro e tem caráter experimental. "O presidente Wanderley Pires me explicou que isso é por causa da mudança da diretoria, em dezembro. Depois se o novo presidente gostar do meu trabalho, continuo".

OS PLANOS

Dentro dos planos do novo técnico está muito trabalho e mais duas coisas: humildade e responsabilidade. Isso ele diz ter aprendido com o pai, quando era garotinho. Na sua opinião, todo o técnico deve olhar para os jogadores sem distinção e participar do ambiente. "É preciso muito diálogo. Além disso, gosto de trazer para mim os problemas que afligem os atletas. Jogador descontente não produz em campo".

A preocupação de Roberto no momento é fazer com que o time produza o mesmo futebol que apresentou nos jogos finais do Campeonato, "sem muita invenção, com a turma jogando o que sabe". Do elenco do Paulista, Waldomiro, Nascimento, Walter e Souza já trabalharam com o novo técnico no Santo André e se mostraram contentes com a vinda de Roberto, "um cara legal, que entende o jogador e que conhece futebol". (S.H.)

COMÉRCIO DE COUROS

Colas as mais variadas (Cascola. Colvufix e outras).
Vaquetas, atanados, solas.
Pregos, tachas, saltos e tintas em geral para calçados.



Rua Dr. Torres Neves, 338
Tel. 434.9541



Lúcia Olga e...



... Nair: audições.

A arte de Lúcia Olga e Nair.

Duas audições de piano para os jundiaienses, este mês: sábado dia 24, às 20h30, no Museu de Jundiaí, quem vai se apresentar será Nair Effenberger Guelli; dia 29, no Gabinete de Leitura "Ruy Barbosa", às 20h30, será a vez de Lúcia Olga Chaves.

Nair, concertista e professora particular (tem 12 alunos, atualmente), começou a estudar piano aos 8 anos de idade e formou-se (1.o lugar) pelo Conservatório Carlos Gomes, de Campinas. Fez alguns cursos de aperfeiçoamento, entre eles um no Conservatório da PUC, com a professora Olga Risardo Normanha, e em São Paulo com o professor Armando de Moura Lacerda. Ganhou um concurso aos 14 anos de idade, promovido pela Sociedade Jundiaiense de Cultura Artística.

O programa: 1a. parte – duas sonatas de Scarlatti, "Fantasia Cromática" (Bach) e Fuga em Ré Menor; 2a. parte (em homenagem ao 90.o aniversário de Villa Lobos) – "A Valsa da Dor", "Bruxa, a Boneca de Pano", "Choros n.o 5"; "Polonaise", de Chopin (Opus 26, n.o 1) e "Scherzo", de Chopin (Opus 5, n.o 4). Entrada grátis.

LÚCIA OLGA

Lúcia Olga Chaves fez cursos de Harmonia, Contra-Ponto e Composição com o maestro Raul Valle, da Unicamp, que agora dá cursos de especialização em Paris. Nome bastante conhecido nos meios artísticos, é assistente do maestro Souza Lima, e tem se apresentado já em quase todas as capitais do País e nas grandes cidades do Estado. Detentora da Medalha de Ouro do Governo do Estado e vencedora de vários concursos de piano.

Programa – 1a. parte – Sonatina em Do Maior Opus 13 n.o 1, de Dimitri Kabalewsky; 1a. Arabesque, de Debussy; 2a. Arabesque, de Debussy; Fantasia Improviso, de F. Chopin; Polonaise Opus 53, de Chopin; 2a. parte – Odeon, de Ernesto Nazareth; Apanhei-te, Cavaquinho, de Nazareth; O Polichinelo, de Vila Lobos; Turbilhão de Beijos, de Nazareth; e Humoresque, de Tadeu Muller. Entrada grátis.

DISCO&SHOW

Pouco divulgado, gravação mal cuidada a produção idem. Mesmo assim, Primeiro Botequim, elepê da gravadora Beverly, que reúne alguns mestres sambistas das escolas do Rio de Janeiro, merece ser comprado. Quem conseguir achá-lo nas lojas (a distribuição, também, não é lá essas coisas) vai conhecer a força do samba de Fabrício do Império, Rubens da Mangueira, Jacyr da Portela, Balbino de Padre Miguel, Zequinha do Salgueiro e Mazinho da Beija-Flor. Representantes das maiores escolas de samba do Rio e, portanto, do país, só agora eles têm uma chance de mostrar suas músicas. Pena que em um disco tão mal cuidado.

Também deve ser comprado e com a vantagem de não ter os defeitos de Primeiro Botequim, o disco de Luís Gonzaga e Carmélia Alves. Os dois mais famosos intérpretes do baião cantam alguns de seus maiores sucessos, como Sabiá, Lá na Gaiola, Qui Nem Giló ou Forró do Mané Vito. Há, também, Reis do Baião, uma música inédita, composta por Luís Gonzaga em parceria com Luís Bandeira. Sérgio Cabral fez a produção.

Brevemente, a tevê Globo lançará o programa "Almanaque". Um dos primeiros convidados será Vinícius de Morais, que contará fatos curiosos de sua vida e carreira. Aliás, Vinícius será homenageado, no próximo dia 28, no Canecão do Rio de Janeiro, com um show do qual participarão Tom Jobim, Toquinho, Miúcha e Edu Lobo. A homenagem será pelos 64 anos de vida de Vinícius.

Enquanto Miúcha homenageia Vinícius, Cristina, e outra irmã de Chico Buarque de Holanda, que fez muito sucessso com Quantas Lágrimas, assina contrato com a gravadora Continental.

Já nas lojas o novo disco de Lolita Rodrigues, há muito afastada das gravações. Podia ter continuado.

Desde ontem, para ser mostrado ao público em outubro, a TV Bandeirantes está gravando um especial com Gal Costa. Como os outros especiais da emissora, deve ser um bom programa de televisão, onde o astro é mesmo o convidado e não os acessórios. Gal, aliás, já iniciou a temporada do show Caras e Bocas, no Teatro Bandeirantes.

Fred Bongusto, o "cantor de elite" da Itália vai ser a atração do primeiro show internacional do Hippopotamus, o "club privé" de Ricardo Amaral em São Paulo. Bongusto vai se apresentar amanhã e depois. Em outubro, mas nos clubes Sírio e Harmonia, quem vai se apresentar é o francês Charles Aznavour, trazido por Ed Costa, ex-líder de conjunto de baile e agora empresário.

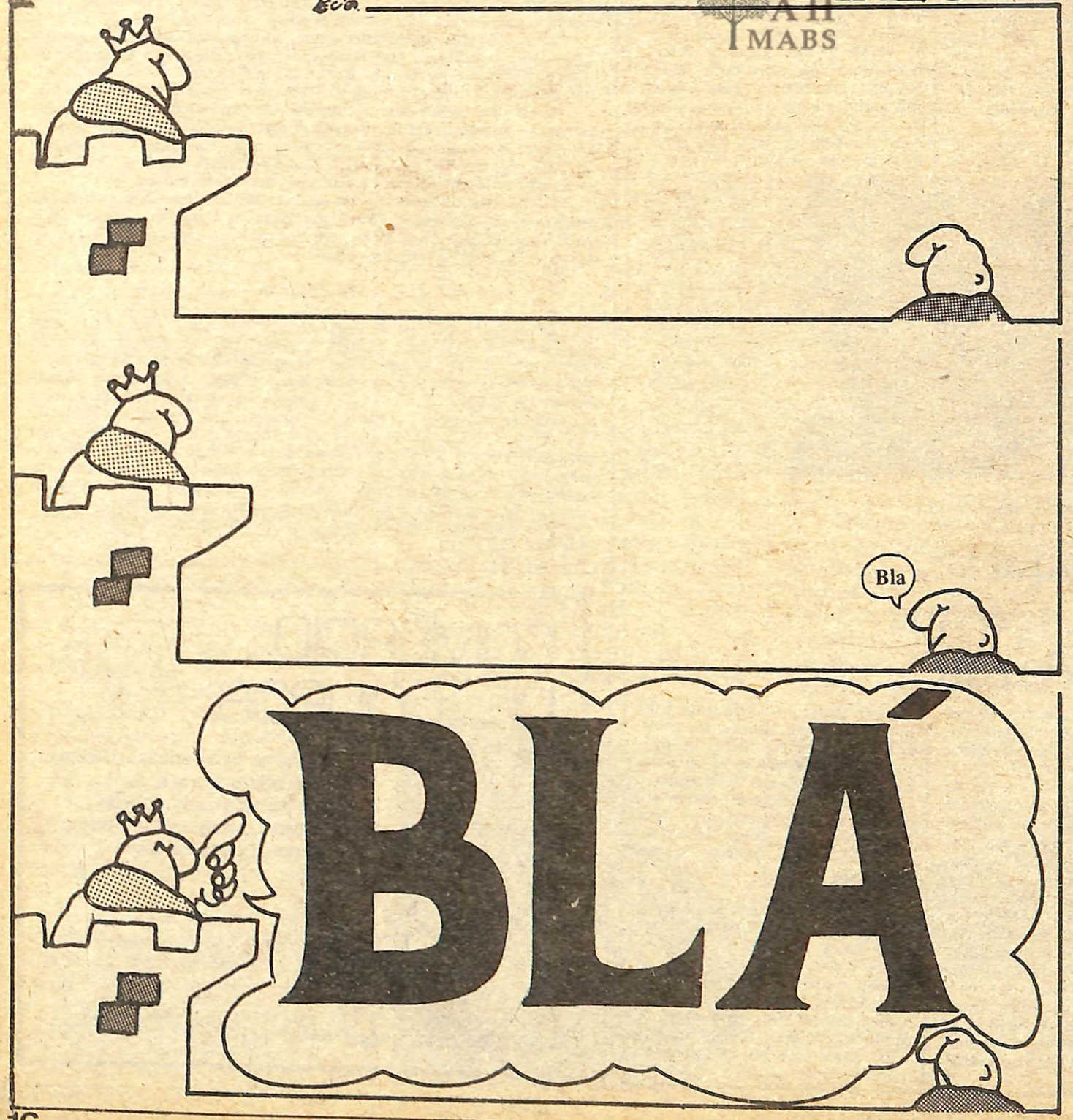
A gravadora Copacabana começa a pesquisar seus arquivos e lança a série Seleção de Ouro. Entre os títulos já lançados, destacam-se o elepê de Inesita Barroso, onde a cantora desfila seus maiores sucessos, de Moda da Pinga a Lampião de Gás; o do flautista Altamiro Carrilho, hoje gravando para a Phillips, e uma antologia da fossa, onde aparecem Maysa, Dolores Duran, Elizeth Cardoso, Ângela Maria, Marisa, Lucienne Franco e uma inexplicável Eliana Pittman.

Assim como a de Maurici Moura, a morte do maestro Roberto Inglês, ocorrida no último dia 6, passou quase que despercebida. E Inglês, que morreu no Chile e era escocês de nascimento, teve muito sucesso com sua orquestra em todo o mundo na década de cinquenta. Radicado em Santiago, depois de passar vários anos excursionando pela América Latina como pianista, Roberto Inglês teve seu nome ligado à música brasileira quando, em Londres, gravou com Dalva de Oliveira várias composições de sucesso, como Kalu, Errei Sim, Ave Maria no Morro e Folhas Mortas; divulgando a voz da cantora em todo o mundo.

Quase um mês depois da morte de Elvis Presley, o cantor continua ganhando espaço em jornais. Agora, só se fala na corrida aos discos de Elvis em todo o mundo: o aumento nas vendas, segundo a RCA é de 30.000%. O último elepê de Elvis, Moody Blue (já lançado aqui), em uma semana subiu de 24 para 5.o lugar na Billboard, o mesmo acontecendo com o compacto Way Down (do 47.o para o 7.o). E já foi lançada uma música, Elvis, gravada por Jenny Nicholas, em homenagem ao ex-rei do rock.

Pedro Autran Ribeiro

INTERVALO



DIÁLOGO

AH MABS

PUFS!



Cangaço é o medo que os fazendeiros tinham de Lampião.

Auréola foi a primeira fazedora de anjos da antiga Roma.

Bandalho é uma múmia em péssimo estado de conservação.

Wilson foi o primeiro salame produzido na zona do canal de Panamá.

Etíopes são negros que sofrem de problema da vista.

Caput é uma toga usada pelos juízes da Alemanha Federal.

Rerum Novarum são bezerrinhos de ouro adorados pelo papa.

Pretória foi a fase mais negra da Justiça.

Ato complementar é a parte trágica do teatro burlesco.

Moto Contínuo é uma condução barata lançada pela fábrica italiana Paganini.

Erasmo de Roterdan foi o primeiro hippie a ficar louco.

Cáspio é um xampu italiano feito de algas marinhas.

Bermudez é uma ilha onde se degredam os políticos bolivianos.

Bodega foi um pir'or que vivia embriagado.

Alcaparra é uma c: al oriental de clima temperado.

Zarteu

CINEMA

Uma programação melhor, esta semana: quatro filmes exibidos simultaneamente com os cinemas de São Paulo.



Wilder: aqui, só ator.

O Expresso de Chicago

Mistura de comédia policial com filmes de catástrofe.

O "Silver Streak" é um trem de luxo que parte de Los Angeles com direção a Chicago, onde deve chegar três dias depois, isto é, desde que Gene Wilder não esteja entre os passageiros. Porque, quando isso acontece (como em "O Expresso de Chicago"), a viagem passa a ter consequências imprevisíveis, para azar dos outros passageiros. É sorte da comédia, que parece voltar a seus melhores tempos, graças a Gene Wilder.

Wilder – que aqui só é ator – é um tímido escritor, que toma o trem com o objetivo de fazer uma viagem de três dias, buscando descanso e tranquilidade. Mas, antes de chegar ao destino, é envolvido numa série de misteriosas aventuras e desventuras.

O filme é dirigido por Arthur Hiller, o mesmo de "Love Story", "Hospital" e "O Homem de La Mancha". De 19 a 22, no Marabá, sessões às 14h30, 19h30 e 21h30.



Kate Hansen

Excitação

Terror, suspense e alguma monotonia.

Esse filme nacional, de Jean Garrett, mereceu alguns elogios dos críticos – especialmente os paulistas – mas não pelo desenvolvimento da história, e sim por causa dos aspectos técnicos – "produção bem cuidada, boa interpretação de Kate Hansen". O problema é que a história se passa praticamente em uma praia deserta do litoral paulista, causando uma certa monotonia quando a intenção do diretor Jean Garret é provocar suspense. "Terror e suspense na era dos computadores", como se pretende o filme.

Helana (Kate Hansen) tem uma crise nervosa e seu marido Renato (Flávio Galvão) a leva para morar numa das casas à beira-mar. Ele é um engenheiro eletrônico especializado em computadores e fanático pela cibernética. E é justamente de Renato a autoria desta frase, num trecho do filme: "Os computadores são, hoje, os substitutos dos velhos magos e feiticeiros" (????). Ainda bem que eles não substituem ninguém nas cenas de nudez. De 19 a 21, no Ipiranga.

Carrie, a Estranha

Os poderes diabólicos de uma menina

Há quem veja no jovem diretor Brian de Palma um imitador de Alfred Hitchcock e que, por isso, não se entusiasmou muito com seus filmes anteriores. Mas esse "Carrie" foi elogiado pela crítica norte-americana e por boa parte da crítica brasileira. Pelo menos em relação às interpretações de Sissy Spaceck (Carrie) e Piper Laurie (a mãe fanática) que volta ao cinema depois de 15 anos.

"Carrie", que teve duas indicações (derrotadas) para o Oscar de 1976, conta a história de uma adolescente que é motivo de chacota de suas colegas por causa de seu mau jeito nos esportes e sua ignorância sobre os fatos da vida. Para complicar ainda mais a situação, ela é filha de uma fanática religiosa que se recusa a informá-la sobre as mais elementares questões de sexo e descobre que sua mente tem poderes especiais. Música de Pino Donagio, fotografia colorida de Mário Tosi. A partir do dia 22, no Ipiranga, sessõs às 14h30, 19h30, e 21h30. Lançamento da United Artists.



Piper Laurie e Sissy Spaceck: Carrie.

A Violentada

O estupro como problema social.

O objetivo do filme é mostrar o estupro acima do nível criminal, isto é, como um problema social ligado à exploração do sexo na sociedade de consumo. De acordo com recentes estatísticas, mais de 50 mil casos de estupro acontecem todos os anos no Estado da Califórnia e, deste total, só cerca de dez mil resultam em formulação de queixa às autoridades policiais.

No caso da modelo fotográfico interpretado no filme por Margaux Hemingway (neta de Ernest), a defesa do agressor alega deliberada provocação erótica e o réu (Chris Sarandon) é absolvido. Mais tarde, ele agride a irmã da modelo, o que a leva a fazer justiça por conta própria. De 23 a 25, no Marabá.

NO ALVORADA

Dias 19 e 21, "A Duquesa e o Vilão"; 22 e 24, "Excitação"; e, dia 25, "Aposta Fatal".

JORNAL DO LIVRO

Mário Marinho

O livro de Edson, um serviço ao truco e aos truqueiros.

Dezembro faz um ano que passei por aqui cantando; agora tô de volta e tô trucando! Truco mesmo, barriga de torresmo!

Essa estranha cantoria, sempre em voz alta, aos berros, quase sempre de pé (quando não em cima da mesa), agressiva, muitas vezes acompanhada de sonoros palavrões faz parte do mais difundido jogo de baralho do interior do Brasil – principalmente em São Paulo, Minas, Paraná e Goiás – o truco ou truque.

Esse jogo, sobre o qual a primeira notícia que se tem no Brasil é de 1618 na Bahia, vai ser objeto agora de um livro: "Tudo sobre Truco", que está sendo preparado pelo advogado Edson Moreira Branco e que deve ser lançado dentro de dois ou três meses.

Edson Branco, que participou do recente I Campeonato Estadual de Truco como jogador e como juiz das partidas finais, se define assim:

Sou um velho truqueiro, descendente de truqueiro, amigo de truqueiros, parente de truqueiros. Se tivesse que escrever alguma coisa, teria de ser mesmo sobre truco.

Já faz algum tempo que Edson Branco vem pesquisando as origens do truco. A maior dificuldade é que, apesar de ser um jogo centenário, ele não encontrou nenhum livro, nenhuma publicação a respeito em língua portuguesa. Suas pesquisas têm sido feitas diretamente nas fontes, junto aos velhos truqueiros, o que torna seu trabalho mais penoso, mais lento e, talvez, por isso mesmo mais seguro – e de maior valor.

Em seu livro, Edson Branco pretende abordar somente a forma que se joga em São Paulo, Paraná e Goiás: o ponto acima. Essa forma de disputa – que foi a adotada no Campeonato Paulista e certamente será também no Campeonato Paranaense a ser disputado brevemente – estabelece uma espécie de rodízio entre as quatro cartas principais do truco, evitando, assim, que haja fraude (cartas marcadas, por exemplo).

A outra forma de disputa é a chamada "manilha velha" que, ao contrário, fixa as quatro cartas principais (zape, sete de copas, espadilha e sete de ouros) e possibilita fraudes. É a maneira que se joga na conservadora Minas Gerais. Um velho truqueiro mineiro, Paulo M. Santos, se defende e defende a "manilha velha":

– Aqui, em Minas, não se admite que uma pessoa marque o baralho. E as razões são bem simples: é que se tem amor ao baralho e respeito ao adversário. Além disso, joga-se truco apenas pela satisfação pessoal – e qual a satisfação que se teria, sabendo que se chegou à vitória apenas por estar com cartas marcadas?

Edson Branco não tem ainda editor para o seu livro, mas isso não o preocupa:

– Eu estou até pensando em editar o livro por conta própria, afinal não penso em transformá-lo em nenhum best-seller – quero apenas prestar um serviço ao truco e aos truqueiros.

A preocupação maior de Edson Branco é o pouco tempo e as dificuldades para pesquisa. Ele tem procurado ouvir o maior número possível de truqueiros e aceita todo tipo de ajuda e sugestões. Esta coluna, cujo escriba trata-se de irrecuperável truqueiro, coloca-se à disposição: quem quiser colaborar com o "Tudo sobre truco", pode mandar para cá sua ajuda que será devidamente encaminhada.

CATÁLOGO

José Louzeiro, autor do proibido "Aracelli meu amor", de "Lúcio Flávio, passageiro da agonia" e que recentemente lançou "A infância dos mortos" que ele define como uma narrativa "de fatos tirados do nosso amargo cotidiano" está preparando sua nova obra. Trata-se de um novo romance-verdade que se baseará naquele célebre caso dos menores que a polícia paulista abandonou na cidade de Camanducaia, no sul de Minas. Como as outras obras de José Louzeiro, será editado pela Civilização Brasileira.

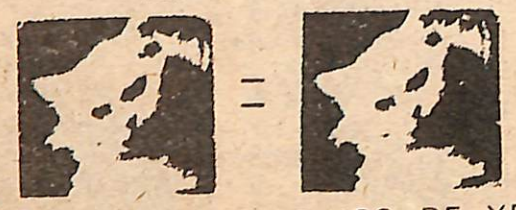
A Editora Martins está preparando para os próximos dias o relançamento do livro "A Revolução Constitucionalista de 1932", de autoria de um dos chefes militares daquele movimento deflagrado em São Paulo, o general Euclides Figueiredo. O general João Batista Figueiredo, chefe do SNI, e nome altamente cotado nas especulações para a sucessão presidencial, é filho do general Euclides.

Hipólito da Costa, fundador do primeiro jornal brasileiro, o Correio Braziliense, tem sua obra e sua vida analisada por Carlos Rizzini no livro "Hipólito da Costa e o Correio Braziliense" que a Campanhia Editora Nacional acaba de lançar. São 336 páginas, Cr$ 70,00

A 7a. edição de "Uma vida em segredo", de Autran Dourado, vem acompanhada de uma "história de uma história", em que o autor narra como nasceu prima Biela, personagem principal do livro, e de como foi escrita "Uma vida em segredo", um livro que já foi traduzido para o inglês e alemão e que vai sair agora na Espanha em formato de bolso. Essa edição tem 184 páginas e custa Cr$ 55,00. É da Difusão Editorial S.A.

Endereço para correspondência: rua Milton de Souza Meireles, 461, Parque Continental, CEP 05340, São Paulo, Capital.

FOTOCOPIADORA
MALTONI



TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX DA CIDADE

Rosário, 618 – Tel. 436 · 8460

VIDA NA CIDADE



A grande festa do SESI

O Sesi está anunciando a presença do ministro do Trabalho, Arnaldo Prieto, em Jundiaí, nesta segunda-feira, dia 19, quando será inaugurado oficialmente seu Conjunto Educacional, Assistencial e Esportivo (foto), na avenida Antônio Segre, 695, bairro Ponte de Campinas. O conjunto – com os setores de educação, saúde, esporte e lazer, "à disposição da família jundiaiense", pode ser frequentado pelo pessoal ligado à indústria, pesca, transportes e telecomunicações e por crianças de até 14 anos de idade, independentemente da ligação dos pais – isto é, não precisam ser filhos de operários.

A inauguração será às 17h15 e o povo está convidado (haverá chope e sanduíche de graça para todos).

VIAJOU – Para Florença, Itália, o pintor Inos Corradin; fará exposição de seus trabalhos; quando voltar, em novembro, fará outra mostra, numa galeria em São Paulo.

VISITA – Theodoro Paulo Koelle, governador do Distrito 459 do Rotary Club, visitou oficialmente o Rotary Club de Jundiaí-Oeste, dia 14; foi homenageado com jantar no restaurante Chácara das Carpas.

ENTREGUES – Certificado de alfabetização a 85 alunos do curso mantido pela Comissão Municipal do Mobral em Jundiaí; dia 12 de setembro, no salão nobre das Escolas Padre Anchieta.

CONVITE – Luchini convida para a exposição dos novos modelos Chevrolet 1978. Endereço: rua Barão de Teffé, 700.

COMEMORADO – O "Dia do Garçon, do Cozinheiro e do Balconista"; dia 12, na sede da Associação dos Trabalhadores do Setor de Hotelaria, Restaurantes e Similares de Jundiaí; a imprensa foi homenageada, também pela passagem de seu dia.

JORNAL – Circulando o primeiro número do jornal "Clubes", que tem como redator-chefe o jornalista profissional Nelson Manzatto. "Clubes", publicado pela firma Rodella & Manzatto S/C Ltda., se propõe a divulgar as atividades das agremiações de Jundiaí e da região. Endereço: rua São Pedro, 279, fone 434.8877.

JORNAL II – Também circulando a edição de setembro de "Vozes da Catedral", que já está em seu número 29. Destaques: "Dia da Bíblia", a ser comemorado neste dia 25, um artigo sobre a "Semana da Família", de autoria do monsenhor Oswaldo Giuntini, artigo "Meu Caro Jovem", de Maria Cristina Castilho de Andrade, além de noticiário sobre as atividades da Catedral e das Equipes Litúrgicas. Distribuição gratuita.



Theodoro: visita.

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

VILA LIBERDADE - 3 dorm. suite, banheiro social, sala grande, copa-cozinha, garage p/ 2 carros, dep. p/ empregada, jardim frontal. Cr$ 900 mil, pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (582/584).

PARQUE DO COLÉGIO – nova 3 dorm. c/ armário 1 suite, banheiro social, lavabo, sala em L, copa cozinha, lavanderia, depl p/ empregada, abrigo p/ 2 carros, jardim, quintal, Cr$ 1.300.000,00 pode ser financiada. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

JARDIM BRASIL – Bairro classe "A", estilo colonial, 4 quartos, sendo 1 tipo apto. grande sala p/ vários ambientes, lareira, 2 banh. sociais, copa, cozinha, lavanderia, apto. p/ empregada, quintal, grande jardim, abr. p/ vários autos, terraço amplo, etc. Terreno c/ 1.000 m2. Preço especial. Aceita Caixa, Terreno ou casa de menor valor como parte do pagamento. OFERTA ADVOCACIA PREDIAL.

PARQUE DO COLÉGIO – 3 quartos, sendo uma suite, com AE, carpetados, sala em "L" copa, cozinha azulejada até o teto, salão de festas, garagem p/ 3 autos, p/ família de fino gosto. Preço . . . . . Cr$ 1.300.000,00, aceita terreno c/ parte do pagto. e financ. p/ Caixa. OFERTA ADVOCACIA PREDIAL.

ANA MARIA – c/ 3 quartos, sendo 2 tipo apto, sala grande, copa cozinha, escritório, banheiro social, apto. p/ empregada, abrigo p/ vários autos, ótima localização. Preço Cr$ 1.400.000,00, pode ser financiada aceita terreno c/ parte do pagamento. OFERTA ADVOCACIA PREDIAL.

VILA MUNICIPAL – c/ 3 quartos, sendo 1 tipo apto. AE, 2 c/ carpetes, sala com 60m2, lareira, copa, cozinha, sala p/ TV, jardim de inverno, apto. p/ empregada, área de serviço, quintal, duas entradas independentes, abrigo p/ 2 autos, jardim frontal, tijolo à vista, etc. Preço de . . . . Cr$ 1.000.000,00. OFERTA ADVOCACIA PREDIAL.

ZACARIAS DE GÓES, – Tipo apto, com 3 quartos, AE. 2 sala com AE, copa cozinha, 2 banheiros, abrigo para 3 autos, ótimo ponto. Preço especial p/ negócio rápido. Preço Cr$ 900.000,00. Transfere financiamento. OFERTA ADVOCACIA PREDIAL.

RANGEL PESTANA - Jardim frontal e lateral, área. 2 dorm. garage, 2 salas, cozinha, lavanderia, dep. p/ empregada quintal. Cr$ 700 mil, facilitado e pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS – (16).

JARDIM CICA - Jardim frontal, 3 dorm. sala, copa-cozinha, 2 banheiros, garage, salão p/ festa, quintal grande, lavanderia, dep. p/ empregada. Cr$ 800 mil, facilitada e pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS.

VILA BELA – Nova moderna com 3 dormitórios com armário, banheiro social, 1 suite lavabo, sala grande, cozinha, lavanderia, quintal, jardim de inverno, jardim frontal, abrigo para 2 carros, vista panorâmica, acabamento de primeira. Rua com todos melhoramentos públicos. Preço: . . . . Cr$ 800 mil – pode ser financiada.OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

PRÓXIMO AO CENTRO – sobrado com 3 dormitórios, com armário, banheiro completo, sala grande, cozinha com azulejo, abrigo, jardim, quintal, quarto pra despejo, banheiro, ocasião, Cr$ 700 mil. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

CAXAMBU – 53.000m2. plana à 9 km do centro, toda formada, casa sede, casa para caseiro, luz, linha de telefone, pomar grande. 5.000 videiras, água corrente, poço com bomba, 2 bosques de mata naturais, ótima topografia - Preço Cr$ 1.500 mil. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

PRÓXIMO A VIA NORTE mais ou menos com 35 alqueires, com casa sede, mais 3 casas simples, 6 nascentes. córrego, açudes, ótimo para loteamento de chácaras, etc. Próximo a várias propriedades. Cr$ 15.00 m2. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

MEDEIROS - 20.000m2, casa sede e casa caseiro, pomar, toda cercada, luz, água encanada, poço com bomba, barracão p/ festa 10mx80m, com mais 2 comodos. Estuda permuta com terrenos em Jundiaí. Cr$ 1.500.000,00 facilitada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (9.961).

BAIRRO DA CHAVE - magnifica chácara casa c/ 3 dorm. arms. embs. sala, copa-cozinha, banheiro jardim frontal, casa para caseiro, pequeno pomar, toda cercada. Estuda permuta com casa em Jundiaí. Cr$ 550 mil, facilitada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS. (1.237).

BAIRRO DO MEDEIROS Via Mal. Rondon, com 31.000 m2, com 2 glebas, sendo 13.400-E 17.500 m. formada com casa sede de 4 cômodos, casa de caseiro com 5 cômodos, poço com bomba, água encanada, gramado em toda volta da casa, luz trifásica, água corrente, 4.500 pé de uvas, pomar grande variado, ótima topografia, à 2 km do asfalto Preço . . . . . Cr$ 1.800 mil facilitado OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

VIA ANHANGUERA – Próximo ao trevo de Louveira, - 23.000 m. luxo, com ótima casa sede, 8 cômodos, casa de hóspede com 3 cômodos, casa para caseiro com 5 cômodos, todas com água encanada, uma capela, 1 barracão para festa, oficina, 1 piscina de 8x5, outra de 5x2 luz trifásica, 4 nascentes sendo 2 com bomba, 1 lago, córrego na divisa, pomar variado, deixa todos os móveis inclusive geladeira, e TV à cores, mais informações em nosso escritório. Preço. Cr$ 1.300 mil, facilitado à combinar. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

Os bons corretores estão aqui

RIBEIRO IMÓVEIS

administração e venda

rua Mal. Deodoro da Fonseca, 479
tel. 436-6388

CENTRAL DE IMÓVEIS

Rua Barão de Jundiaí, 1080
Fone 434-3311

ADVOCACIA PREDIAL

ALUGA — VENDE — AVALIA.
ADMINISTRA IMÓVEIS E CONDOMÍNIOS
ASSISTÊNCIA JURÍDICA.

R. Rangel Pestana, 419 - Fone: 434-3473 - Horário das 8:00 às 19:00 hs.

UMA CARANGA JÓIA

Deu no "Diário Oficial". É um edital da Prefeitura de Itapevi, abrindo concorrência pública para comprar um carro. Até aí nada de mais; o prefeito de Itapevi tem todo direito de andar de carro. Só que ele não quer um carro qualquer, e para não deixar dúvidas, o edital especifica: "um veículo zero km, modelo 1977, luxo, cor preta, motor de 6 (seis) cilindros, com potência de 148 C.V. aproximadamente, equipado com: direção hidráulica, desembaçador, ar condicionado (quente e frio), vidros ray-ban, rodas de magnésio, rádio AM-FM com toca fita "TKR" e aparelho de som". Como o prazo da concorrência esgotou-se às 15 horas do dia 15 de agosto de 1977, o prefeito de Itapevi, a estas alturas já deve estar dando umas bandolas na cidade com a sua caranga jóia, sacou? (S.A.)

HELENO F.C.

O almirante Heleno Nunes, que tem sido criticado por esportistas e políticos por acumular os cargos de presidente da Arena fluminense e da CBD, resolveu fazer uma opção: escolheu deixar a política e ficar só com o futebol, que, segundo diz, "é a minha república". Parece que os políticos ficaram satisfeitos: preferiam que ele ficasse com o futebol. Já os esportistas não gostaram muito: preferiam que ele ficasse com a política. A única maneira de satisfazer a gregos e troianos seria ele deixar a política para os políticos e o futebol para os futebolistas. (S.A.)

CASTIGO

O senador Eurico Rezende, líder do governo, está ameaçando os que não acreditam no "diálogo" e pedem a convocação de uma Constituinte: "Com Constituinte ou sem Constituinte, com diálogo ou sem diálogo, o presidente Geisel, ao cumprir seu mandato, melhorará consideravelmente as condições institucionais do país, aperfeiçoando seu Estado de Direito e aumentando seu percentual democrático". Cuidado "autênticos" do MDB: o castigo por tanta má vontade pode ser a democracia. (F.S.)

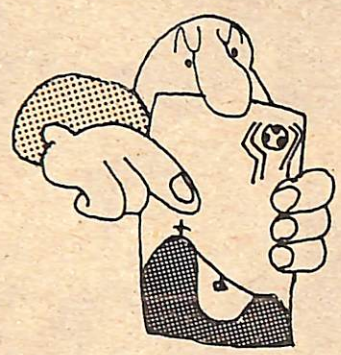




CANDIDATO À LA CARTE

Além do apoio de Wanderley Pires, o ex-Ibis Cruz, em sua campanha pela presidência do Paulista contará com todo o empenho dos donos de restaurantes e churrascarias da cidade e, quiçá, de outros lugares da região.

O Hilton Hotel nada quis declarar a respeito. (E.M.)



HASTA CUANDO?

Uma boa notícia para o orgulho nacional. Se antes Buenos Aires era a capital do Brasil, hoje o Rio é a capital da Argentina. Um folheto de publicidade distribuído na Colômbia, para promover a Copa do Mundo de 78, é ilustrado com uma fotona do Maracanã. E na África do Sul, um folheto de turismo sobre a Argentina é ilustrado com fotos do Pão de Açúcar e da Avenida Atlântica. O orgulho nacional argentino tremeu de indignação cívica, através de uma matéria de "El Gráfico", que pergunta: "Hasta Cuando?". Talvez hasta cuando ustedes dejen de copiar el modelo brasileño, no? (V.L.)

ÀS DIREITAS

Num de seus editoriais do dia 13.9, o "Jornal da Tarde" denunciou a existência de um "maccarthismo esquerdista" em relação a Gilberto Gil, Caetano Veloso e Glauber Rocha.

O editorial não faz nenhuma referência a Geraldo Vandré. (E.M.)

ABAIXO A ARTERIOSCLEROSE!

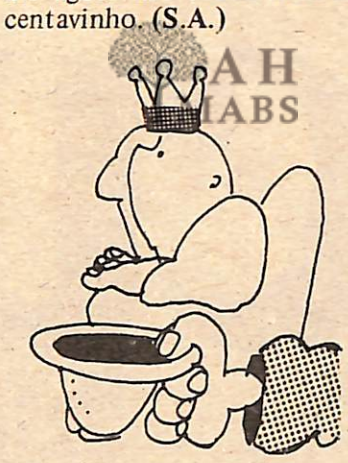
O professor Fernando Luís Vieira Duque, participando do XXII Congresso Brasileiro de Angiologia, em Belo Horizonte, lançou uma severa advertência: a arteriosclerose é provocada, entre outras causas, pelo uso desenfreado do fumo, vida moderna sedentária, obesidade, hipertensão arterial, diabetes e pouca vida sexual; Então, senhores, mãos à obra: vamos fumar menos, vamos praticar esportes, vamos emagrecer, vamos cuidar da pressão, vamos diminuir o açúcar, e etc., etc., etc. . . . (S.V.)

HELENO F.C. (II)

O Colorado Esporte Clube é a terceira força futebolística do Paraná, e como tal estava crente que a sua vaguinha no campeonato brasileiro estava garantida. Eis senão quando o almirante Heleno Nunes decidiu entregar a vaga ao Maringá, deixando o Colorado de fora. Indignada, a diretoria do Colorado divulgou uma nota oficial, ameaçando extinguir o seu departamento de futebol profissional. Lá pelas tantas, o manifesto assinado pelo presidente do clube, Joaquim Cirino dos Santos, e pelo presidente do Conselho, Max Rosenmann, sentencia o seguinte: "O futebol brasileiro vem sendo usado como instrumento da política regional do Governo e não do seu sentido lúdico e esportivo — que representaria realmente as aspirações dos legítimos esportistas". É isso aí, Colorado. (V.L.)

PECHINCHA

O governo vai fazer uma campanha para ensinar o povo a pechinchar. Os metalúrgicos já começaram, e estão pechinchando os seus trinta e tantos por cento, que desapareceram num passe de mágica nos índices inflacionários errados de 1973. Só que o pechinchado não é dono de barraca de peixe na feira livre, e até agora não cedeu nem um centavinho. (S.A.)

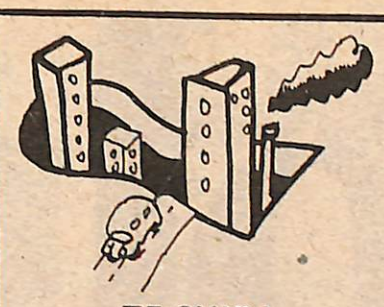


MODÉSTIA À PARTE. . .

Depois da "Ovelha Negra" é o "Pasquim" que abre as suas intimoratas páginas para publicar, na seção "Picles", alguns dos melhores "Pufs" do nosso Zarteu. Está lá na página 2 do Pasquim n.o 428 para quem quiser conferir. Um dos que saíram no Pasquim: "Champignon decifrou a culinária egípcia". Parabéns ao Zarteu, agora em tiragem nacional. (S.V.)

O CIENTISTA TARCÍSIO MEIRA

O galã Tarcísio Meira pontificou: "Não sou Arena. Nem MDB. Detesto política e políticos. Entendo que a política é uma ciência, e como tal deve ser exercida por cientistas". Concordo plenamente com o galã. Só acho que a profissão de ator também é uma ciência e não deveria ser exercida por canastrões. (S. A.)

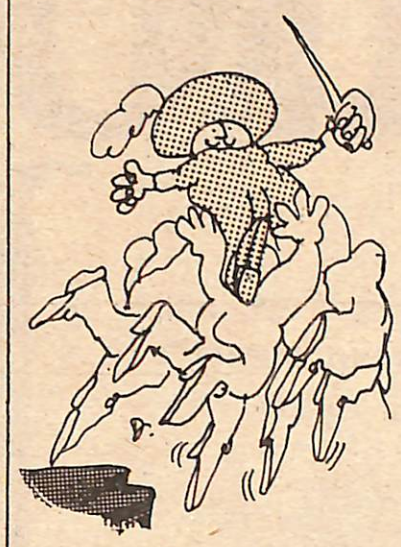


TE CUIDA, PAULISTANO!

O arquiteto Cândido Malta (lembra-se?), titular da Cogep, disse à imprensa que a Emurb está reservando segredos para a urbanização de São Paulo.

Devem ser aquelas reuniões a portas fechadas, tentativas de evitar a especulação imobiliária, coisas assim, né Candinho?

Já vi esse filme. (E.M.)



REPRISE

Aí quando o Corintians vai chegando na reta final, cercado pelo delírio da imprensa e da sua torcida, começa a tropeçar nos seus próprios calcanhares. Acho que já vi esse filme antes. (S.A.)

POLIVALÊNCIA

Depois de afirmar que "o salário superou a inflação", o ministro Reis Velloso declarou: "Achamos que estamos trabalhando ao lado dos trabalhadores".

O que prova que marcação homem-a-homem ainda é a que dá melhores resultados. (E.M.)

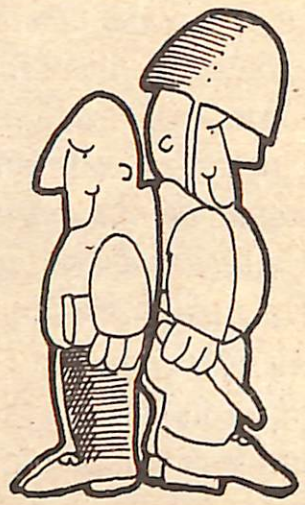
A LITERATURA RELATIVA

Ao dar seu parecer na ação movida pelo escritor Rubem Fonseca contra a proibição e apreensão de seu livro de contos "Feliz Ano Novo", o Procurador da República, Sylvio Florêncio, mostrou-se um frenético adepto da lítero-democracia relativa. Primeiro ele diz assim: "Antes permitir-se publicações chocantes aos padrões da época do que ser lembrados pela História como obscurantistas. Não podemos nos igualar a países totalitários em que as divergências literárias com as idéias dominantes se resolvem com internações psiquiátricas ou mesmo expulsões do país". Depois de criado o suspense liberal, ele termina por julgar a ação do escritor improcedente, porque o livro apreendido, afinal, "não encerra qualquer mensagem positiva". Dito o que, ele continuará proibido. Estará o procurador Florêncio querendo passar para a História, ou ele é um mestre da ironia e a gente aqui não está entendendo nada? (V.L.)

AFINAL, SÃO VETERÁNOS

Os jornais da semana passada noticiaram que a UnB retornou às aulas "na mais absoluta calma".

De fato, nas fotos a gente não percebe o mínimo sinal de nervosismo em ninguém. Nem nos estudantes, nem nos policiais. (E.M.)



RESPONDA DEPRESSA:

Você gostaria de ser pai do deputado Eduardo Galil? (E.M.)

FOTO GELLI
Rua do Rosário, 334
Fone: 434-2253

ASSINE O JORNAL DE 2a.

AÇOUGUE E CASA DE CARNE MÁRCIO CACEZES
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone: 436 - 4880



CONHEÇA O BRASIL.



Poluição é doença. E tem cura.

Essa doença chamada poluição tem cura. E seu remédio é tecnologia de saneamento ambiental. Um remédio que a Cetesb fabrica e receita diariamente.

O trabalho da Cetesb é estudar, pesquisar e indicar a melhor maneira de afastar as criaturas humanas de tudo o que esteja sujo, poluído ou contaminado.

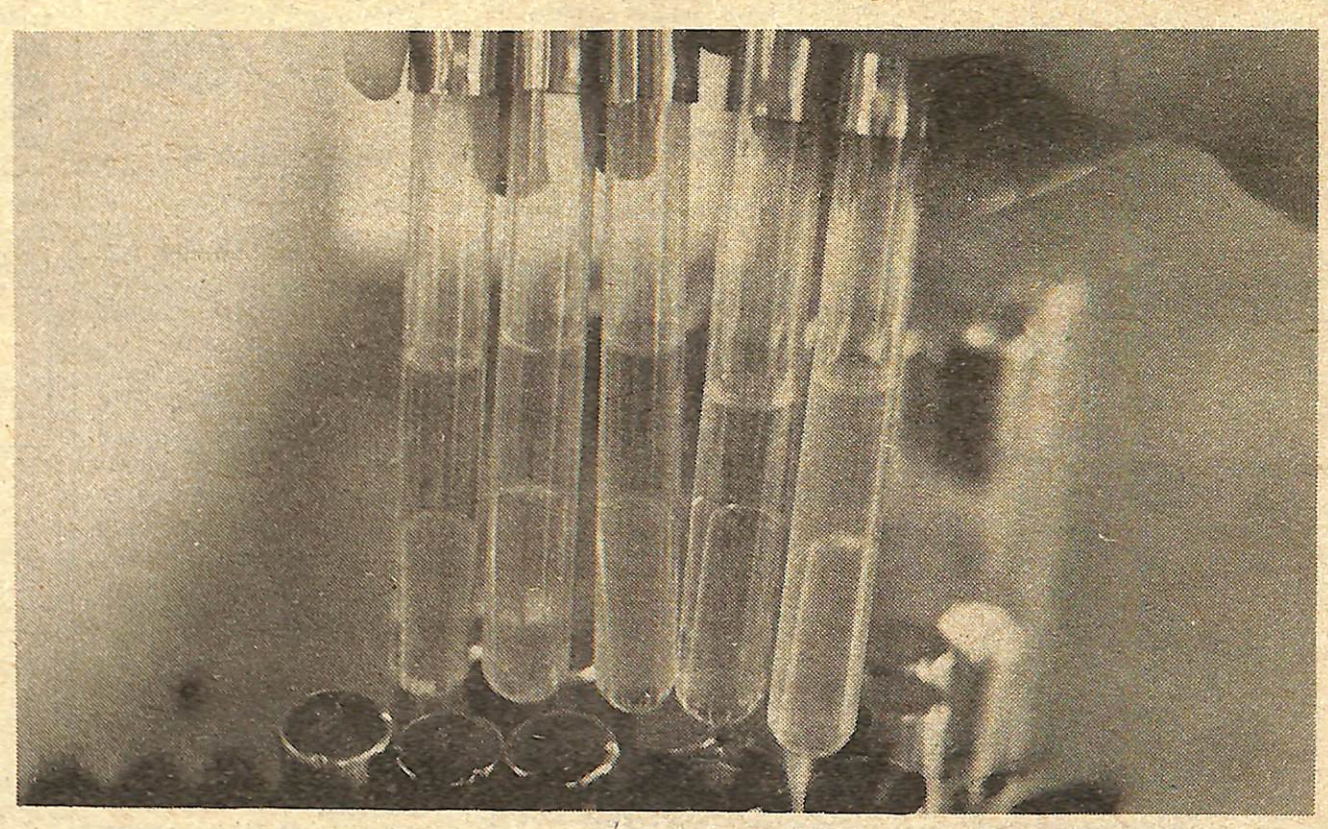
Hoje, a Cetesb é a maior empresa latino-americana desenvolvendo tecnologia de saneamento ambiental.

O ar, o solo e a água estão sob constante vigilância da Cetesb em suas múltiplas atividades de saneamento.

Eis alguns dos serviços que a Cetesb lhe oferece, mesmo que seu projeto ainda esteja em fase de planejamento:

- *controle de qualidade do meio ambiente;*
- *controle de qualidade de materiais e equipamentos destinados ao saneamento ambiental, por meio de acompanhamento na fábrica, inspeções e ensaios;*
- *assistência técnica especializada em exames de projetos, supervisão de serviços e obras, operação e manutenção de sistemas operacionais;*
- *treinamento e aperfeiçoamento de pessoal especializado.*

Você pode utilizar todo o conhecimento da Cetesb em saneamento ambiental. É só nos escrever ou nos visitar.



CETESB

CETESB - Cia. de Tecnologia de Saneamento Ambiental
Av. Prof. Frederico Hermann Júnior, 345 - Tel.: 210-1100 - Telex: 22-22246
CEP 05459 - SP

Governo do Estado de São Paulo
Desenvolvimento para Todos.